

A man with a beard, wearing a black suit jacket over a white button-down shirt, is shown from the chest up. He is looking slightly to the side. His right hand is near his waist, and a watch is visible on his left wrist. The background is a vibrant blue with a faint, stylized soccer field and goal visible in the lower right corner.

*O campo era o único lugar
onde ele conseguia respirar.
Onde não pensava nela*

ANNE MARCK

JOGADOR IMPLACÁVEL



ANNE MARCK

JOGADOR IMPLACÁVEL

Esta história foi originalmente publicada na antologia
“Implacáveis”, em 2018.

O texto passou por algumas modificações e ajustes,
mas na essência, a história ainda é a mesma.

Caro leitor, prepare-se para mergulhar nos bastidores da elite do futebol, e em uma avalanche de sentimentos.

Sumário

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

A visão da infeliz ainda tinha esse poder avassalador sobre mim. Fazia meu coração ser esmagado de novo e de novo e de novo.

De longe, segurando a taça de água gelada, observei o espetáculo que os jornalistas faziam emboscando jogadores em todas as partes do centro de convenções, em busca de uma exclusiva após a coletiva, qualquer declaração que, com toda a certeza, seria distorcida no dia seguinte com o único propósito de vender manchetes.

Jogadores inexperientes nessa coisa de seleção eram os alvos mais fáceis. Garotada jovem, embalados sob a euforia de estar prestes a competir em uma Copa do Mundo, acabavam falando sem pensar.

O problema é que com a imprensa, você *sempre* tinha que pensar.

Do meu canto, afastado, alguns até podiam concluir que eu estava me esquivando deles. De certa forma, estava mesmo. A gravata dobrada dentro do bolso de minha calça falava por si. Minha obrigação estava feita. Participei da maldita coletiva de imprensa estipulada em contrato e agora não via a hora de dar o fora. Precisava relaxar a musculatura da perna depois do treino infernal do dia, aquecer os ossos que ainda sentiam os efeitos do vento cortante da Rússia.

“Fique só mais alguns minutos, Croife”, o técnico havia pedido.

Em uma interpretação clara, o pedido era na verdade uma ordem. E por *“fique só mais alguns minutos”* queria mesmo dizer: *“não seja tão antissocial com eles, Croife, precisamos de propaganda positiva”*.

Um sorriso irônico curvou involuntariamente meus lábios na borda da taça.

Propaganda positiva, depois das inúmeras matérias praticamente me linchando em rede nacional durante toda a semana.

“Vocês não vão acreditar nas exigências que Iohan Croife, o jogador implacável, fez à Federação de Futebol! Croife exigiu, vocês ouviram bem, exigiu uma mansão só para ele, enquanto seus colegas de Seleção Brasileira ficam em hotéis. Eu pergunto aqui, o que o torna superior ao elenco, para fazer uma exigência destas?”

O tema, aliás, foi repetidamente especulado na coletiva de momentos antes. Um verdadeiro bombardeio.

“Iohan Croife, aqui é o Caio Oliveira, do Mundo do Esporte, você pode falar um pouco sobre essa mordomia concedida somente a você, pela Federação?”

“Croife, sobre essa história de alugar uma mansão, em vez de ficar junto com seus colegas de elenco, o que tem a dizer?”

“Jogador Implacável, você acha justo ter regalias?”

Justo mesmo era eu dizer exatamente o que aquele bando de abutres deveria fazer com o apelido ridículo o qual me chamavam.

Na opinião de minha assessoria de imprensa, responsável por me enviar trechos das matérias sobre o assunto, seria bom vir a público e dar a minha versão dos fatos. Explicar o porquê exigi uma casa separado, em vez de me hospedar junto da delegação.

Se eu quisesse, até poderia mesmo.

Mas por que perder meu tempo tentando explicar que eu tinha, sim, uma razão justa para tal exigência? Minhas palavras seriam distorcidas e só serviria para fazer o que fazem de melhor: atacar-me, tentar sujar minha imagem de todo jeito explorando informações falsas e acrescentando a elas doses excessivas de sensacionalismo. Foi assim durante toda a minha carreira. Não seria diferente agora.

Pela lógica, o que deveria importar era o espetáculo que eu daria em campo, e não onde passaria minhas noites.

E, falando a verdade, eu realmente pouco me lixava para o que diziam sobre mim. Se a opinião da imprensa significasse alguma coisa, eu não teria sido ganhador, três vezes consecutivas, do prêmio Bola de Ouro – concedido anualmente ao melhor jogador de futebol do mundo.

Não era uma questão de arrogância. Era sobre valorizar o que realmente importava.

Cansado de permanecer ali, verifiquei o *Rolex* esportivo em meu pulso, presente de uma das marcas que me patrocinavam, me perguntando se já podia dar o fora sem desagradar o treinador. Respeitava Zine, acima de tudo.

Por estar distraído, não notei a aproximação até sentir um toque no meu ombro esquerdo. Antes que eu me virasse disposto a botar para correr qualquer jornalista invasivo, Jorginho, membro da comissão técnica, colocou-se ao meu lado.

O homem, de baixa estatura e muito cabelo branco, era auxiliar do técnico do time.

— Eles pegaram pesado com você, garoto. — Apontou o queixo na direção da bagunça de câmeras, flashes, jornalistas, atletas.

Garoto.

Estranho ser chamado assim, quando eu era o jogador mais experiente do elenco.

Segurei um sorriso. O primeiro da noite, desde que fui obrigado a vestir o terno e comparecer àquele evento.

— Já não sei se posso mais ser considerado um garoto, senhor. Estou no limite de ser velho demais para o futebol.

O comentário bem humorado o intrigou. Notei aquele vinco marcando o centro de sua testa, se aprofundar.

— Quantos anos você tem, filho? Trinta, trinta e um?

— Trinta e três.

Jorginho riu como se eu tivesse contado uma piada realmente boa. As sobrancelhas grisalhas pareciam acompanhar o movimento dos lábios.

— Perto de mim, ainda é um menino. Tem alguma ideia de quantos anos eu tenho? — Pôs as mãos dentro dos bolsos do agasalho amarelo da seleção, relaxado. — Eu te digo, *muitos*.

Só no currículo, o velho possuía mais Copas do Mundo do que todos os treinadores das seleções desse campeonato, juntos.

— É, o senhor está certo.

Seu semblante ficou sério outra vez.

— Mas eles, não. — Voltou ao assunto. — São injustos com você, mentem, cobram coisas das quais você nem deveria ser responsável em campo, Croife.

— Estou acostumado. — Zombei, com um sacudir de ombros. — Acho que até me motivam.

As perguntas para mim sempre foram meticulosamente feitas para ferir.

Durante uma partida, não importava quantos gols eu fizesse, ou passes para finalização eu desse, havia sempre algo de ruim vindo deles. Se me pegavam conferindo as travas da chuteira: *“lohan, há algo de errado com seu*

tornozelo? Você acha que seu mal rendimento de hoje tem a ver com esse problema?"; se me abaixava para ajustar os meiões, então: "Iohan, seus ligamentos, eles podem te tirar do próximo jogo? O que você tem a dizer sobre isso?"; se bebia água durante um treino: "Está sentindo que seu preparo físico anda abalado? Acha que tem relação com sua idade?".

Não vou dizer que essa perseguição nunca me afetou. No passado, sim. Vi minha vida pessoal ser destrinchada das maneiras mais sujas; mentiras, ataques sem qualquer responsabilidade... principalmente no pior momento que já tive.

O que eles provavelmente não sabem é que o fundo do poço é um bom lugar para aprender.

E aprendi.

Jornalistas e a opinião pública já não me afetavam mais. Criei um tipo de pele grossa, resistente, intransponível.

Eu nem deveria estar pensando nisso, nesse momento. Não queria arrastar meus pensamentos para o passado outra vez.

Terminei de beber o restante da água, forçando o caminho para baixo.

— O senhor acha que já posso me retirar sem levar uma advertência do professor?

Jorginho deu um sorrisinho cúmplice, batendo de leve em minhas costas.

— Você não é conhecido por ser sociável mesmo, filho. Ninguém se surpreenderá.

Bufei, achando graça.

Estava prestes a devolver um comentário espirituoso quando, de repente, aquela sensação incômoda reverberou através de meu corpo. Primeiro um formigar, leve. Em seguida, a inquietação sorrateira; os batimentos acelerando minha carótida. Parece brincadeira, mas até minha glote fez menção de se fechar. Odiava reconhecer que eram sintomas muito familiares para mim. Quase uma provocação de meu instinto que estive a noite inteira sob alerta... uma maldita provocação despertada apenas por *uma* pessoa em todo o mundo.

Antes mesmo de vê-la, eu sabia que estava presente.

Como que puxado por um magnetismo inexplicável que me impedia de resistir, eu a procurei. Não deveria, não queria, mas fiz.

Meu olhar a caçou, melhor dizendo.

E a encontrou.

Depois de anos sem vê-la, aqui estava ela.

A inflexível, a mulher que não perdoava erros, a traidora *Maia Sanchez*, também conhecida como esposa do centroavante da Seleção Brasileira, Diego Nunes, o cara

que um dia já foi meu melhor amigo, comeu no mesmo prato que eu quando mal tínhamos o que comer, e que então descobri ser o traíçoeiro mais filho da puta que já existiu.

Resisti ao impulso de afagar o buraco invisível no centro de meu peito, que se abria toda vez que eu relembrava a história.

Ela não merece obter essa reação de mim – tentei me lembrar. Acontece que, infelizmente, razão e emoção quando o assunto era Maia, deixavam de trabalhar juntos. Toda a maldita vez que a revi, pessoalmente ou simplesmente numa imagem em alguma página da internet, a visão da infeliz ainda tinha esse poder avassalador sobre mim. Fazia meu coração ser esmagado de novo e de novo e de novo.

Maldita fosse.

— Eles adoram o Nunes — alheio ao se passava dentro de mim, Jorginho comentou despretensiosamente, apontando para o amontoado de microfones e câmeras que se cercou em torno de Diego assim que ele retornou ao centro de convenções, trazendo a esposa a tiracolo.

Mesmo sob a forte pressão que zunia minha cabeça no momento, pensei notar certa vibração incomum no comentário do auxiliar-técnico. Mudei meu olhar de volta

para ele, estudando-o atrás de um sinal em sua expressão que justificasse o que meus ouvidos captaram.

Não, eu só podia estar enganado.

Não era desaprovação o que havia junto do comentário. Não *podia* ser. Ninguém ousava desgostar do queridinho Diego Nunes; o preferido da imprensa; o bom moço, respeitável e de família, casado com a tímida e exemplar dona de casa, Maia Sanchez.

Pensar nela ocupando o papel de *esposa* do cara trouxe um sabor amargo a boca.

Foi inevitável não a olhar novamente. Observá-la por inteiro. Beber a sua imagem. E o que eu via, droga, o que eu via me causava apenas uma repulsa do caralho.

A infeliz parecia-se mais como um espectro do que foi um dia. Não havia nessa atual Maia qualquer vestígio da garota do passado. A jovem alegre, aspirante a violinista, sonhadora, simplesmente evaporou do mundo. Deixou no lugar, uma mulher de modos refinados, rosto magro demais, semblante inexpressivo. Maia Sanchez se reduziu a ser a mulher de alguém e acho que nem mesmo percebeu isso. Era tão perceptível que chegava a enfurecer.

Será que estava feliz? A pergunta traiçoeira se destacou em minha mente.

Sua linguagem corporal, pelo menos nesse momento, dizia que sequer se sentia confortável em estar presente,

encolhendo-se um passo atrás de Diego, escondendo-se dos holofotes.

Ao contrário do desgraçado, com certeza. Dava para ver no modo satisfeito como se exibia para as câmeras, sorria, sedutor, entregando a todos a face que eu bem sabia ser apenas uma máscara. Mau-caráter imbecil. E não somente pelo que fez comigo. Era público, no meio, o trabalho que a assessoria de imagem do Liverpool tinha para encobrir as sujeiras do cara. Festas extravagantes, casos extraconjugais, confusões com prostitutas; brigas; atitudes antiesportivas dentro e fora de campo.

Eu só não entendia por que Maia continuava com alguém assim.

Esse pensamento, trazia um espiral de outras mesmas perguntas de sempre. Por que ele? Por que abrir mão de tudo o que tínhamos e escolher o cara? Escolher essa vida?

Senti vontade de rir de mim mesmo ao ir por esse caminho.

É claro que havia apenas uma resposta: ela o amava. Maia Sanchez amava Diego Nunes, só isso justificava.

Sua decisão no passado, entre ele e eu, foi por amor.

Constatar doía como o inferno. Será que algum dia ela também me amou de verdade? Preferia pensar que sim. Que nos anos em que estivemos juntos, Maia foi feliz e o

sentimento foi real. Outra hipótese, que não essa, terminaria o que sua escolha no passado fez: me quebrar.

Compenetrado nela, como eu estava, peguei o momento em que Maia soltou a mão do marido e abraçou o próprio corpo, num tipo de escudo protetor. À distância, pensei ver seus dentes físgarem o lábio inferior rapidamente, quase que se punindo, antes de voltar a se tornar inexpressiva.

Por alguma razão, a imagem trouxe uma pontada aguda em meu peito.

Eu era mesmo um idiota.

Nada nela deveria me importar.

Maia estava morta para mim.

Parecendo ouvir esse pensamento, seu olhar subitamente encontrou o meu. Não, não precisou me buscar. Não houve hesitação. Tal qual o disparo realizado pelo melhor atirador que já existiu, ainda que eu estivesse protegido pela baixa iluminação, ela simplesmente me encontrou.

Um nó substancial apertou minha garganta.

No fundo, era um consolo altamente doloroso saber que ainda tínhamos isso, que ainda sentíamos quando o outro estava por perto, reagíamos... mesmo que não nos levasse a lugar algum. Foi ela quem fugiu para os braços do desgraçado no primeiro erro que cometi.

Incapaz de permanecer por mais tempo no mesmo ambiente com alguém que já me fez tão mal, quebrei o contato visual. Com um resmungar qualquer, sem prestar muita atenção, me despedi de Jorginho, virei e saí pela porta lateral do salão do hotel, rumo ao estacionamento.

Queria sumir dali. *Precisava*.

Catei as chaves no bolso da calça quando finalmente despentei no local aberto sob a noite fria. Dentro do SUV alugado, derrubei a cabeça sobre o encosto do banco e fitei o teto, tentando colocar minha cabeça em ordem.

Tentando racionalizar.

Por que eu ainda reagia àquilo tudo? Por que não conseguia simplesmente apagar da memória?

Eles se mereciam, falando honestamente.

Ela, por ser a perfeita garota que não permitia erros. Ele, por ser o pior melhor amigo que já existiu.

Sacudi a cabeça, sem conter o riso seco despontando do fundo da garganta.

Em pensar que já cheguei a chamar o cara de irmão. Que crescemos juntos, que Diego passava a maior parte do tempo em minha casa, acolhido por meus pais como um filho, quando os dele não passavam de abusadores viciados.

Podia apostar que no Google ainda era possível encontrar a primeira matéria que um jornal importante fez

sobre nós.

A amizade de dois moleques da periferia de São Marcos, que começaram a carreira em um projeto social de combate à evasão escolar em troca de aulas de futebol. Dois prodígios, que, ainda criança, chamaram a atenção do professor do projeto pela habilidade com a bola e puderam ousar sonhar em um dia jogar profissionalmente, viver do esporte e dar uma vida melhor à família.

Juntos, aos, sei lá, onze, doze anos, fomos convidados a treinar na escolinha do São Marcos Futebol Clube, na época da série D do campeonato. E não paramos por aí. A partir de então celebrávamos todas as conquistas. A ascensão, aos 14 anos, para o time de base do São Marcos. Anos depois, ao time principal, onde ajudamos a levar o clube para a série B do campeonato.

Cada passo foi comemorado, vibrado. Diego e eu firmamos uma conexão em campo, uma sintonia inquebrável; um sabia exatamente como seria a jogada do outro, antecipava seus lances, colocava a bola na posição certa para o outro finalizar. Não havia para mais ninguém.

Mas o destino ainda nos reservava mais.

Um belo dia, um sujeito apareceu no treino e disse que queria conversar com os dois. Numa troca de olhares, Diego e eu sabíamos o que significava, estávamos esperando por aquele momento havia muito tempo. José Scava, o

empresário de alguns jogadores em ascensão, o mesmo cara que tinha levado o Devanildo para um time na Arábia Saudita (onde diziam que o garoto estava recebendo uma grana alta) queria nos empresariar. Assinamos um contrato com o cara. A partir dali, Scava passou a falar pela dupla e receber sessenta por cento do que arrecadávamos. Nossa única condição era: queríamos sempre jogar no mesmo time.

Foi Scava que trouxe a proposta do Nova Era Futebol Clube, o maior time do estado, um clube grande, disputando a série A do campeonato e dono de uma estrutura melhor do que jamais havíamos visto, onde se jogava futebol de gente grande... e onde tudo mudou.

Onde conheci Maia Sanchez, a filha de Conrado Sanchez, dirigente do clube.

Minha primeira namorada.

A mulher que me destruiu e quase acabou com minha carreira.

*Maia Sanchez não era minha, ou um problema meu.
Isso era um fato incontestável.*

Ouvindo o barulho ensurdecedor vindo das duas torcidas na Arena Rostov lotada, me dei conta de que a Copa do Mundo finalmente havia começado. Foram duas semanas de treino pesado, em completa concentração, sem muito contato com o mundo externo.

E, é claro, carregadas de tensão, tendo de conviver constantemente com o infeliz e me controlando para não quebrar a cara dele no primeiro sorrisinho cínico ou indireta.

Mas um lado meu, aquele responsável por minha garra irascível, de certa forma até era grato a Diego e Maia. Talvez se eu não tivesse passado por tudo o que passei, não teria concentrado meu foco completamente no esporte e atingido aquele nível inalcançável de carreira que me levou ao melhor clube do universo. Ano após ano, meu nome aparecia na Forbes como um dos atletas mais bem pagos no mundo. Competia nos melhores campeonatos e recebia prêmios pelo meu foco e desempenho.

Para esquecer Maia, e o maldito casal, me obriguei a trabalhar duro e ser o melhor. Olhando por este ângulo, eu possuía uma dívida de gratidão pela traição.

Sacudi a cabeça.

Que estupidez. Em meio aos minutos restantes para o apito que iniciaria o primeiro jogo da Copa, aqui estava eu,

de novo me permitindo pensar nela. Essa merda não era saudável.

Para distrair, obriguei-me a mudar a direção.

Foquei mentalmente no maior e verdadeiro responsável por minha carreira, e por estar agora ali, na seleção.

Um homem que, nesse momento, se encontrava no subúrbio de uma cidadezinha chamada São Marcos – por escolha própria – provavelmente de frente para a tevê, vidrado. *Seu Odair*, também conhecido como meu pai. Tão aficionado por futebol que batizou o único filho de Iohan Croife em homenagem ao meia/atacante da Holanda na década de 70, Johan Crujff. Apesar de a escritã do cartório ter abrigado meu nome, todos que realmente amavam o esporte, conheciam a história.

Seu Odair era a razão de eu não ter subido num jatinho e voltado direto para minha casa, na Espanha.

— Hoje fizeram uma matéria no Mundo do Esporte sobre você, filho. — Ele havia contado, de manhã ao telefone.

Apesar do orgulho, notei também a nota de reprovação por ter de mencionar o programa de tevê apresentado por um dos jornalistas mais sujos do meio. Antônio Celso Moretti e a emissora para a qual trabalhava eram a escória.

— Falaram de sua primeira Copa.

— E o que disseram, pai? — Embora eu não quisesse realmente saber.

— Te mostraram novinho. Acho que estava com uns vinte e um.

— Hum.

— Exibiram uma entrevista antiga de você falando que estava muito feliz por jogar ao lado de todos aqueles jogadores. Foi até bonito de ver.

Eu me lembrava da matéria. Era garoto. Foi realmente numa época em que ainda dava entrevistas de coração aberto e muita ingenuidade. Neste dia, especificamente, estava explodindo de euforia. Como poderia ser diferente? Num momento, eu era somente o lohan meio-campo do Nova Era, no seguinte, me vi no vestiário da seleção do meu país, dividindo espaço com jogadores conhecidos internacionalmente como verdadeiros astros do futebol. Atletas dos melhores times do planeta. Os caras que eu escalava *no game Pro Evolution Soccer*.

— Falaram também do outro lá.

Essa era a maneira como Seu Odair se referia a Diego, nas raras vezes em que era mencionado em alguma conversa.

— Passaram uma matéria dele com o tornozelo enfaixado. Lembra? — Resmungou então algum palavrão

nem tão sujo assim. — Naquela época já se mostrava um cabeça de vento.

Inspirei fundo, afastando o telefone por um breve instante para que meu pai não notasse.

Claro que eu lembrava. Diego também tinha sido escalado para a seleção. Acontece que, dias antes de se apresentar, o infeliz teve a estúpida ideia de disputar uma pelada na chácara de um bandidinho cheirador que ele havia conhecido numa das festas pesadas às quais começava a frequentar, sem mim — já que eu estava namorando a Maia e passava grande parte das folgas ao lado dela.

A tal pelada resultou numa entrada mais dura que rompeu o tendão de Diego. Aquilo foi foda, eu fiquei muito puto, decepcionado mesmo pela irresponsabilidade. Meu amigo — ou assim eu pensava — estava mudando rápido demais, se deixando deslumbrar pela fama; não se deu conta da oportunidade que seria irmos juntos à Copa.

— Depois mostraram aquele ano que você não pode ir, o da lesão. Voltaram a querer dizer que parte da culpa pelo vexame da seleção era sua, acredita?

— Acredito.

— Seu nome da audiência, filho. — Tentou confortar.
— Por isso que esses bobalhões gostam de usar.

Quatro anos depois de minha primeira Copa – e nessa época eu já havia conhecido a verdadeira face de Diego –, quem não pôde ser convocado fui eu. Estava me recuperando de uma lesão que exigia repouso, depois de uma temporada dura no Campeonato Europeu. Ajudei a levar o Barcelona ao mundial de clubes, e foi o ano em que recebi minha primeira Bola de Ouro. É claro que não fui poupado das críticas pela imprensa brasileira, que atribuiu o fracasso da seleção naquela Copa à minha ausência.

— Eu não ligo, pai. — Tranquilizei.

Mas Seu Odair continuou falando.

— Depois ficam reclamando que você não dá mais entrevistas, que virou arrogante e aquela mentirada toda que sempre contam. Acho que você está mais do que certo. Só a gente lembra o que fizeram contigo. Esses jornalistas gostam de inventar mentiras. — Fez uma pausa. — E gostam ainda mais de mentirosos.

Ri naquela hora. O velho falava o que tinha de falar, sem papas na língua.

E foi assim, sorrindo sozinho, que as câmeras me flagraram. Percebi que meu rosto estava sendo transmitido em tempo real no telão do estádio. Parte da torcida passou a gritar meu nome, em coro. Não dava para negar, a energia deles era um baita combustível.

O juiz enfim fez sinal e me chamou, junto com Stephan, capitão do time adversário. Disputamos no cara ou coroa o direito de domínio da bola para o pontapé inicial. Ele ganhou. Verifiquei a posição de meu time, ajeitei a braçadeira de capitão e fiz um sinal da Cruz. Se ainda me restava algo de bom, sem dúvida era a fé.

— É por você, velho. — Sibilei assim que o apito foi silvado.

Ali, naquele momento, já não havia mais Diego, ou mágoa, ou vida pessoal. Éramos 11 em um, uma única potência com um objetivo: vencer. Corpos, energias e forças trabalhando juntos pela vitória.

Ofegante, sentei no banco do vestiário para escutar o que o técnico dizia no intervalo da partida. Tínhamos um gol de vantagem. Aos 22 minutos de jogo, recebi uma bola alta perfeita de Gabriel, fora da pequena aérea, e cabeceei para dentro da rede. Essa era uma das jogadas que treinamos durante a semana. Gabriel, apesar de jovem, tinha grande maturidade, não quis decidir sozinho vendo que naquele momento seu ângulo não era bom.

Dei um tapa em suas costas, agradecendo o bom trabalho, enquanto virava uma garrafa de água.

Zine entrou no vestiário logo em seguida.

— A defesa deles está no sistema 3x2. Diego, você precisa abrir mais a lateral. — O técnico instruiu.

— Se deixassem a bola sobrar do meu lado, eu poderia, sim. — O imbecil retrucou.

Desrespeitoso filho da puta.

— Segure menos a bola, toque mais para o Jaime e o Felipe, que os caras correm por fora e te devolvem. — Fui eu a lhe responder, no timbre menos frio que pude, o que foi inútil. Mal conseguia me dirigir a ele. O sujeito, além de tudo, era um egoísta, fominha, desesperado por aparecer.

— Mande que eles atravessem o meio campo, e eu farei isto, com certeza, *Capitão*. — Debochou.

Fechei os punhos descansados sobre minhas coxas e travei a mandíbula antes de dizer ou fazer besteira (como socar sua cara enquanto lhe lembrava de que era um mau-caráter, por exemplo).

— Ouça o “lorran”. — Foi com a pronúncia carregada no “r” que o técnico terminou a discussão.

— Preciso mijar. — Gabriel se levantou. E todos também o fizeram. Tínhamos pouco tempo para urinar e nos reidratar.

Ao passar por mim e se preparar para subir os degraus do túnel de volta ao campo, Diego me lançou um

olhar cheio de raiva e despeito, como se tivesse algum direito.

Eu estava na lateral direita do campo, esperando que o árbitro fizesse a organização da barreira antes de ser autorizado a cobrar a falta, a cerca de 35 metros de distância do gol, quando senti um repicar esquisito na nuca, um eriçar dos pelos. Levei a mão ao pescoço para conter a sensação e, por reflexo, como que puxado por um enlace de corda, olhei de relance para a minha esquerda, através do vidro que separava a torcida do campo. Meros cinco metros.

Ela estava ali.

Maia.

Sob ridículos e enormes óculos escuros que cobriam quase metade de seu rosto pequeno, delicado, frágil demais.

O acessório destoava de tudo a sua volta, afinal, aquele era um jogo de fim de tarde, não havia mais qualquer vestígio de sol. A infeliz parecia se esconder por trás dele... ou, a contar pela forma rápida como seu corpo se encolheu e ela abraçou a si própria ao desviar o rosto para onde a barreira estava sendo formada, concluí que parecia se proteger atrás das lentes estúpidas. Por uma

questão de curiosidade, segui a direção e encontrei seu marido observando a situação, observando nós dois. Pensei ver algo como um aviso na expressão do cara... não para mim, mas para ela.

Diabos, que tipo de relação é essa destes infelizes?

O apito soou autorizando a cobrança, mas, àquela altura, minha concentração se dissipou feito poeira. Bati mal na bola. O que era para ser um efeito curvo que enganaria a barreira, passou longe de tudo, inclusive do gol.

Metade do estádio suspirou aliviada – torcedores do time adversário, evidente. A outra, praguejou.

A partida chegou ao fim com vitória para nós, 1x0.

Não deixava de ser uma vantagem, sim, porém poderia ter sido melhor. O problema é que, depois daquela cobrança de falta, por mais que eu quisesse, não consegui mais me manter concentrado e acabei errando lances bobos.

Cumprimentei alguns dos jogadores da seleção oponente; muitos eu já conhecia de outros clubes europeus. Troquei minha camisa com Stephan e expressei minha honesta admiração por seu trabalho. Fizemos um jogo duro, limpo.

Quando pisei fora da linha que delimitava o campo, fui atacado por um exército de jornalistas enfiando microfones e câmeras tão próximo a minha cara que eu poderia ser

engolido por eles. Segui caminhando friamente, sem expressar uma sílaba, enquanto perguntas eram lançadas simultaneamente de todos os lados.

Ouvi perfeitamente algumas delas:

— Croife, esse jogo demonstrou falta de entrosamento da seleção, você acha que isso será um problema?

— Croife, uma eleição na internet te considerou o jogador mais bonito da partida, essa é a *hashtag* mais comentada do momento. Você acha que isso pode tirar o foco do que realmente importa?

— Acha que o Zine errou ao escalar você para bater aquela falta?

Dei mais um passo em direção ao vestiário, ciente de que não me permitiriam passar sem responder alguma coisa, qualquer que fosse. De canto de olho, vi dois funcionários prontos para trazerem o *backdrop*, o painel móvel onde estavam estampadas as marcas dos principais patrocinadores, para posicioná-lo atrás de mim.

Essa era uma das exigências do contrato, dar entrevistas em frente aquele mural, divulgando as empresas.

Neguei com a cabeça, para que não viessem. Não pretendia dizer nada aos jornalistas, muito menos aos da emissora de televisão dona dos direitos de transmissão da Copa. Eu e o principal narrador não tínhamos lá um bom

histórico de convivência. Certa vez, ao transmitir a final do mundial entre Barcelona e Real Madri, o imbecil passou metade do jogo apontando minhas falhas, quando havia outros 10 jogadores no time. Um boicote evidente por eu ter me recusado a conceder entrevista exclusiva a ele dias antes da partida.

Não aceitei na época, e não aceitaria agora. Seguiria para o vestiário sem dar uma palavra.

Mas algo me chamou a atenção.

Em meio ao pandemônio de câmeras, microfones e jornalistas, notei uma jovem, magra, pequena. Óculos de um grau forte pendiam sobre o nariz fino, vermelho de frio. Cabelos levados pelo vento para todos os lados, o que a distraía ao tentar combatê-los e se posicionar ao mesmo tempo.

Todavia, o que me chamou a atenção realmente foi o que enxerguei por trás das lentes grossas. Havia um brilho ali, inteligente, analítico, como quem tinha algo de importante para perguntar.

Sem refletir muito, afastei meia dúzia de homens com o braço.

— Saiam — rosnei para eles e me aproximei mais dela. Minha altura e força, diante de um saco pequeno de blusas.

Não me enganei sobre o brilho nas esferas castanhas, era perspicaz, vendo de perto.

Encarei-a profundamente e disse baixo, para que somente ela ouvisse, mas claro o bastante para que soubesse que eu estava falando sério:

— Você tem *uma* chance. Me surpreenda.

Apesar da surpresa estampada nos olhos arregalados e boca aberta, a jovem logo se aprumou, como quem se preparou durante uma vida para aquele momento. E se saiu muito bem.

— Boa noite, Croife. Sou Janaína, do Canal Esporte Comunicativo. Durante a partida, a seleção manteve 65% de posse de bola e conseguiu cerca de 30 finalizações. Alguns lances chegaram, inclusive, a assustar o time adversário. Essa formação de 4x3x3, com os volantes chegando próximo à área, contribuiu para o desempenho da equipe?

Eu quis rir, de pura admiração.

Em meio a carnicheiros, eis uma carne cheirando ao frescor do profissionalismo. Uma jornalista de verdade. Olhei para a câmera que ela discretamente apontou como sendo sua.

— Boa noite, Janaína, boa noite aos telespectadores do Esporte Comunicativo. Sua pergunta é excelente. — Fiz questão de dar a ela algum crédito junto aos figurões de sua

emissora. — Eu acho que contribuiu, sim. O posicionamento acabou se tornando o elemento surpresa, que já vinha sendo pensado pelo professor durante os treinos, depois de analisar a escalação do time adversário. Enfrentamos uma seleção muito competente neste primeiro jogo, foi uma partida dura, e agora devemos focar na Costa Rica, confiantes nas instruções do técnico Zine. — Olhei de volta para ela, como quem dizia “agora chega de perguntas, temos um trato”.

— Parabéns pelo gol e pelo desempenho, e obrigada, Croife. — Virou-se para a câmera. — Vocês ouviram Iohan Croife, atacante e capitão da seleção brasileira.

Sem esperar por seu agradecimento, que pressenti vir, dei-lhe as costas e voltei a abrir caminho entre todos os outros, que se mostravam frustrados e irritados comigo.

No vestiário, presenciei o plano dos caras para o restante da noite, no hotel. Rudmar se gabava de já ter um esquema armado. Molhou a mão dos seguranças — responsáveis por não deixar ninguém entrar ou sair da concentração — para que fizessem vista grossa à algumas garotas escaladas para alegrar a comemoração da vitória, sem que o técnico soubesse.

O imbecil do Diego era o mais empolgado e não fez questão de esconder de mim, pelo contrário, era como se

disse “roubei sua menina e sou um filho da puta com ela, o que acha, Croife?”.

Controlando a vontade constante de socar a cara do miserável, tomei uma ducha rápida, peguei minha mochila, pronto para sair.

Eu era o único ali que podia se dar ao luxo de ir embora do estádio dirigindo o próprio carro e não ter de esperar o ônibus da Federação. Despedi-me dos jogadores fazendo questão de cumprimentar um a um e agradecer pelo bom trabalho. Como capitão, senti que era meu dever. Ignorei taxativamente o bastardo. Se todos perceberam? Sim. Se sabiam o motivo? Provavelmente. Apesar de que, na versão oficial, eu era o vilão da história. Versão essa que nunca fiz questão de desmentir.

Quem sabe eu fosse mesmo.

No corredor do lado de fora, encontrei Jorginho. Parecia me esperar.

— Belo trabalho, garoto. Levou o time com punho de ferro.

— Só fiz o meu dever, senhor. — Mesmo assim, aceitei seu abraço meio de lado. Eu era uma muralha perto dele.

— Mais do que seu dever, filho. Você manteve os garotos concentrados no que faziam dentro daquele campo. É um exemplo para eles, sabia?

Bufei, um riso meio seco.

— Não sou exemplo nem para mim mesmo.

Jorginho fez um gesto de mão como quem dizia “Deixe de modéstia, garoto”.

— Vamos lá, o técnico precisa de você.

Desconfiado, semicerrei os olhos.

— Precisa de mim para quê, exatamente?

Meu pressentimento não era bom.

— Fazer média com alguns bacanas da Federação. —
Revelou sem rodeios.

Uma merda.

Era isso o que era.

Não gostava daqueles caras, não era segredo, e eles tampouco de mim. Dei trabalho para assinar o contrato, fiz exigências, e não me arrependia. Não construí minha carreira com tanto empenho para que colocassem uma coleira em mim e me dissessem o que fazer, para quem sorrir, que mãos apertar, para quem dar entrevistas. Isso não funcionava comigo.

Vendo a negação iminente em mim, o auxiliar técnico insistiu:

— Faça isso pelo Zine, garoto. Ele gosta daqueles caras tanto quanto você.

A contragosto, segui Jorginho pelos corredores de acesso exclusivo ao Arena Rostov. No caminho, pude

reparar melhor nos detalhes do estádio, novinho em folha. Entre imagens de atletas serigrafadas nas paredes, estava uma minha, em destaque, maior do que as demais. Pelo corte de cabelo e tamanho da barba, foi capturada em um dos meus jogos pelo Barcelona, meses antes.

Ao entrarmos numa sala maior, exclusiva, com estofados elegantes espalhados por todos os lados, percebi que se tratava de um local para convidados. Além de alguns membros conhecidos da Federação, percebi que haviam outras pessoas presentes. Empresários, com certeza, e também familiares de atletas, pois eu a enxerguei. Maia, numa parte mais afastada, observando melancolicamente o estádio se esvaziando lá embaixo, através da vidraça.

Sua figura, estranhamente, remetia à fragilidade.

Meu peito sentiu um repuxar esquisito, um tipo diferente de dor, pelo menos diferente da que eu estava acostumado quando pensava nela ou a via, que normalmente continha raiva, mágoa.

Sem saber ao certo o porquê ou sem me deter a tempo, quando me dei conta, estava caminhando até ela. Em direção à mulher magra, sem cor, sem brilho, distante. E ainda com aqueles óculos escuros exagerados cobrindo o rosto. Em plena noite.

Conforme eu chegava mais perto, peguei um vislumbre de seu perfil, iluminado pelos refletores que

vinham de fora. O que vi ali, porra, o que vi me fez hesitar. Atrapalhou meu raciocínio de um jeito que eu mal lembrava meu próprio nome. Inclinei a cabeça, sem intenção, e a observei melhor, distinguindo o que despontava por detrás dos malditos óculos. Era um hematoma. Que parecia se entender do canto externo do olho direito para dentro, onde as lentes escondiam.

Tarde demais, eu estava diante dela.

Maia nem teve tempo de reagir enquanto eu tirava aquela coisa horrenda dela e confrontava o rosto ferido.

Um “oh” mortificado abandonou seus lábios.

Um praguejo amaldiçoando fugiu dos meus.

E, por um momento, apenas nos encaramos. Havia tanta coisa ali, dentro dos olhos vazios. A mesma mágoa que eu sentia, a mesma dor e algo mais forte... humilhação.

— Quem fez? — Perguntei, mas não era a minha voz ali. Eu não reconhecia aquele tom sombrio que saía da minha boca.

Ela não respondeu. Seus lábios se fecharam numa linha fina, rígida, quando tomou os óculos de volta.

E então seu nome foi chamado, muito perto, pela voz familiar daquele que ela escolheu para si. Maia Sanchez não era minha, ou um problema meu. Isso era um fato incontestável.

“Vamos fazer um trato, Maia?”

Os exercícios eram repetidos exaustivamente. Velocidade, ataque, defesa, velocidade, ataque, até que todos estavam à beira de um pedido de clemência. Zine não era conhecido por facilitar a vida dos atletas, no bom sentido. O cara era o melhor. Naquela altura de minha carreira, presenciei alguns técnicos em ação e sabia reconhecer um bom quando o via. Aquele era o técnico que levaria a seleção para o pódio. Desde que alguns jogadores não estragassem tudo.

Parte do time chegou ao treino no início do dia com uma aparência tão ferrada que se tornava óbvio o desenrolar da festinha na noite anterior.

Rapaziada jovem, deslumbrada demais para se privar dos benefícios da fama.

Como capitão, eu tinha um tipo de dever de interceder, mas optei por não dizer nada, ao menos por enquanto. Tivemos uma vitória no dia anterior, todos estavam empenhados nisso. O que faziam fora de campo não era problema meu. Não bancaria o chato. Essa coisa que eu tinha de ser competitivo e focado demais não me autorizava a exigir o mesmo de ninguém. Eu não era uma maldita régua moral para nada.

Tomei um banho, peguei minha bolsa e me despedi dos caras.

No estacionamento do CT acionei o alarme da BMW alugada, destravando o veículo. Quando estava prestes a abrir a porta, vi a mulher escorada no carro. Pelo sorriso convencido, me esperava.

— Olá, Vivian. — Cumprimentei com certo distanciamento na voz.

Recebi em troca um olhar malicioso. A jornalista parecia não se cansar de tentar.

— Olá, lô... — Ronronou, forçando uma intimidade que só havia em sua mente.

Abri a porta detrás do SUV e joguei minha bolsa de mão lá dentro, sem muita vontade para as merdas dela. Vivian sempre queria basicamente duas coisas de mim, invariavelmente: algumas horas em minha cama e uma entrevista exclusiva. E, até aquele dia, eu não sentia vontade de nenhuma delas.

— Vi sua entrevista para a garota esquisita... — Disse e jogou o cabelo ruivo de um lado para o outro, no que presumia ser um gesto atraente.

— Esquisita? — Repeti testando o som da palavra em minha boca, como se refletisse sobre aquilo. — É, achei ela esquisita mesmo, pensando bem. A menina parecia ter um cérebro maior do que muitos dos colegas. — Constatei desinteressado. — Isso deve ser algum tipo de anomalia.

Se ela entendeu a crítica, disfarçou bem com uma risada alta.

Guardei as mãos nos bolsos do jeans, refugiando-as do vento frio.

— O que quer aqui? — Perguntei sem muito tato.

Eu não havia dormido direito, pensei naquele hematoma no rosto da Maia a noite inteira. E pensar nela me deixava péssimo.

Além de que, tive um dia de treino pesado. Como resultado, minhas têmporas começavam a incomodar.

— Fiquei sabendo que você tem seu próprio lugar na cidade... — Correu a unha vermelha sobre o capô branco sedutoramente, numa alusão do que poderia fazer comigo.

— Não me diga que você não? — Elevei a sobrancelha. — Aquela porcaria de canal para o qual trabalha não a hospedou?

A mulher, que mal cabia no vestido justo e muito provavelmente estava congelando até os ossos, pôs a língua para fora feito uma criança malcriada.

— Engraçadinho.

— Apesar de dizerem o contrário.

Ela contornou o restante do carro e se aproximou.

— Quando você vai ceder, Iohan Croife?

Gostei da abordagem mais direta e me senti livre para retribuir:

— É melhor que sua vida não dependa disso, Vivian.
Suspirou, quase se dando por vencida. *Quase*.

— Preciso de uma exclusiva. A equipe está debochando disso, de eu não conseguir. E, depois que você falou com a esquisita...

Por alguma razão, senti-me ofendido pela jornalista franzina míope. Eu nem mesmo a tinha visto antes daquele dia, mas senti que não era justo com ela, ficar aqui assistindo a alguém com o dobro de sua experiência e metade de sua inteligência a chacotear.

— Você poderia procurá-la e tomar algumas aulas. Aposto que ela não se oporia. — Tirei a mão do bolso, trazendo outra vez a chave comigo. — Ou talvez ela esteja ocupada demais pesquisando sobre futebol para ter tempo de ajudar, não sei. — Dei de ombros.

Vivian não gostou de minhas palavras e não fez questão de esconder.

— Sua arrogância ainda vai te derrubar, Croife.

Respirei fundo tranquilamente. Não havia resposta para aquilo. Talvez ela tivesse razão.

— Procure os garotos, Vivian, eles te darão uma entrevista. — Resolvi dizer, como um consolo.

Ela ouviu o conselho e pensou... depois meneou a cabeça, descartando a ideia.

— Eu estive com eles ontem à noite, nenhum ali tem algo de interessante a dizer.

Claro que esteve, pensei. Uma festa e jogadores de futebol, juntos, era um atrativo e tanto para alguém como ela.

— Ou talvez tenham, se usar a abordagem certa. — Abri a porta do motorista. — Boa sorte.

Não fiquei para ouvir mais de seu papo furado. Muitas mulheres tinham passado pela minha cama, confesso, mas, ainda assim, eu era bastante seletivo sobre elas. Não cederia a uma jornalista ávida por levar meu nome às manchetes.

No caminho para a casa, disquei para meu pai. Conversar diariamente com ele era um tipo de obrigação que eu fazia sem reclamar. Meus pais eram, no mundo inteiro, aqueles que nunca me deixavam esquecer *quem* eu realmente era. Não importava o que a imprensa dizia a meu respeito; ou o que os torcedores pensavam; a glória dos momentos bons; ou a depredação nos ruins. No final do dia, eu ainda era o filho do Seu Odair e da Dona Violeta, lá de São Marcos.

Nos piores dias que já vivi, meu pai dizia “Vai passar”. O oposto era visto da mesma forma, quando eu levantava um troféu de campeão para milhões de torcedores, meu pai falava “Isso também vai passar”. Só Deus sabe o quanto

suas palavras me foram úteis na vida. Aprendi com ele que, independentemente da fase, boa ou não, lidar mantendo a cabeça no lugar e pés no chão era sempre o melhor jeito.

— Oi, filho. — A voz animada veio pelos autofalantes do carro.

— Benção, pai.

— Deus te abençoe. Terminou o treino?

— Terminei, sim, estou voltando para casa. — Dei a seta para entrar à direita.

— Ótimo, ótimo. O que o Zine decidiu sobre a Costa Rica?

— Que vamos enfrentá-los. — Guardei o tom de diversão.

— Ora, garoto. Eu tô falando do Josué Martínez. Como vocês vão deter aquele menino?

A parte mais terrível disso tudo: meu pai se sentia um pouco técnico também. Era só uma questão de tempo até ele tocar no assunto.

— Do modo tradicional; com cordas, acho que não vai dar...

A piada o fez bufar.

— É bom que esteja de bom humor, Croife, pelo menos isso facilitará a vida do pobre Zine.

— Ele não liga para o meu humor, na verdade.

— Não, ele está mais preocupado com coisa séria, assim como eu. Andei estudando aquele menino. Ele é esperto, ágil, vocês precisam...

E passei o restante do trajeto ouvindo a tática do velho Odair, satisfeito por poder proporcionar essa alegria ao meu pai. No final, era o que importava.

Entrei na casa cheia de cômodos de luxo e fui até a geladeira. Abri uma garrafa de isotônico, percebendo que os armários tinham sido reabastecidos pela equipe contratada para cuidar da casa e da minha alimentação, mesmo que eu pouco a visse.

Com um tempo livre para fazer nada que eu quisesse – pois, apesar da regalia de ter uma hospedagem em separado do time, eu ainda estava no período de concentração, sem poder sair por aí –, deitei no sofá, peguei meu celular e passei a navegar na internet. Acessei alguns sites de canais esportivos brasileiros, por mero hábito de auto infligir a opinião dos jornalistas imbecis sobre mim. Alguns repercutiam a falta mal batida (aquela em que fui distraído por Maia); outros, o gol que fiz; outros transmitiam imagens do treino e palpitavam sobre a posição tática da próxima partida... mas reparei mesmo na matéria da menina jornalista e na exibição da entrevista que dei a ela nos principais canais esportivos, não somente no Esporte Comunicativo. Esperava que emissoras maiores

começassem a prestar mais atenção nela. Faltavam jornalistas como Janaína no mundo, fiéis ao que se dedicavam a ser, que estudavam sobre o que diziam.

Então meus pensamentos inevitavelmente voltaram para Maia Sanchez. O que diabos foi aquilo em seu rosto? Que tipo de pessoa era aquela diante de mim? Parecia uma sombra da antiga Maia. Não reconhecia nada nela. Procurei com fervor em seus olhos algo de familiar e vi apenas o vazio. Não qualquer vazio, mas um perdido, infeliz.

Sabia que era um erro pensar nela, me fazia mal. Lutei muito para colocar minha vida nos trilhos depois de tudo, e jamais gostaria de estar naquele lugar novamente. O lugar ferrado em que sua traição me colocou.

Maia foi a primeira mulher que amei, talvez a única. Quando botei meus olhos nela pela primeira vez, naquela festa promovida por seu pai, Conrado Sanchez, para comemorar a minha chegada e a de Diego ao Nova Era F.C., eu sabia que as coisas não seriam mais as mesmas. Como é possível alguém se apaixonar através apenas de um olhar à distância? Foi o que aconteceu comigo. Meu coração caiu de joelhos pela princesinha filha do dirigente.

Maia, na época, estudava Letras na universidade, mas sua grande paixão era o violino. Naquela festa, ela se apresentou para os convidados, e capturou meu coração irremediavelmente. Nunca pensei que o instrumento tão

simples de madeira e cordas pudesse emitir um som tão lindo sobre o ombro dela, com aqueles dedos delicados empunhando o arco com maestria.

Nosso primeiro encontro aconteceu porque tive de ser ousado. Eu já estava de olho nela havia meses, então, um dia, algumas horas antes da partida final do campeonato estadual em que o Nova Era disputava o título, eu a vi dando bobeira por um corredor. Era difícil encontrá-la sozinha, havia sempre funcionários, algum membro da família, ou seu próprio pai por perto. E ela pouco frequentava o CT ou os jogos. Mas naquele dia ela estava lá, e vestindo a camisa do time com meu número e nome em seu corpo, quase uma declaração.

Eu tinha consciência de que era uma data importante para o clube de seu pai. O Nova Era F.C não venciam o campeonato havia muitos anos. Maia e todos tinham esperanças de que o jejum de títulos finalmente chegaria ao fim, principalmente com a contratação de Diego Nunes e Iohan Croife.

Conforme eu ia me aproximando, notei o brilho ansioso naqueles olhos âmbar. Sem pensar muito no que estava fazendo, cerquei-a contra a parede.

— Essa camisa é minha. — Eu disse. O coração batia insano apenas pela simples proximidade, depois de tantas noites sonhando com ela.

Seus lábios se separaram quando ofegou de surpresa.

— Vim torcer por vocês. — Explicou. O hálito de bala de morango inundou meus sentidos. Deus, eu quis beijá-la ali mesmo.

— Você veio torcer *por mim*. — Desafiei-a enquanto roçava o dorso dos meus dedos contra sua mão, pendida ao lado do corpo. Um toque inocente, o primeiro que tínhamos, mas me incendiou por dentro.

Maia levantou a cabeça para olhar em meus olhos. Seu corpo era pequeno, cerca de 1,60m, contra meus 1,90m. Ela estava prestes a me dizer algo, talvez rebater meu comentário, mas, então, seu olhar caiu sobre meus lábios, e a menina se distraiu. Foi lindo ver a maneira como sua língua umedeceu os próprios lábios.

— Vamos fazer um trato, Maia?

— Q-qual? — Ela gaguejou num sussurro.

— Se eu fizer dois gols hoje, você aceita sair comigo. Somente nós dois.

Os cílios pesados piscaram, confusos.

— Mas é seu dever...

Sorri de um jeito calmo, quase predador ante tamanha beleza e inocência.

— Não, *Pôr-do-sol*, meu dever é *entrar* naquele campo. Fazer dois gols, é um adicional.

Em primeiro lugar, eu nem sabia por que a chamara daquele jeito, mas foi a palavra que me veio à mente para descrevê-la. Os cabelos castanho-claros, dependendo de como o sol os tocava, ficavam um tom loiro-acobreado impressionante. Maia era delicada, seus movimentos, fluídos. Porcaria, eu estava apaixonado por tudo nela.

E é claro que ela tinha razão. Era, sim, meu dever entrar naquele jogo e dar o meu melhor, e com certeza eu o faria. No entanto, vi uma oportunidade ali, com ela, e a abracei.

— E então?

Ela sacudiu a cabeça, confirmando quase em câmera lenta, e era tudo o que eu teria.

— Você tem uma caneta aí? — Perguntei sem tirar os olhos dos seus; não conseguia.

Confusa, ela voltou a mover a cabeça. Sorri outra vez e arqueei a sobrancelha com humor, como quem diz “Por favor, querida, pegue-a para mim”.

— Ah, é claro... — Atrapalhou-se. Acompanhei os dedos trêmulos tatearem o fundo da bolsa, de onde retirou uma caneta preta e me estendeu.

Apanhei-a sem nunca quebrar o contato visual. Abri a tampa da caneta entre os dentes e peguei sua mão com cuidado. Era tão bom sentir sua pele que quis que aquele momento se estendesse para sempre. Maia estava

encostada contra a parede, a polegadas de mim, como se a superfície fosse a única coisa a mantendo em pé. Uma lufada de ar percorreu o corredor aberto e passou entre nós, levantando as pontas cacheadas de seus cabelos. O simples movimento inundou o ar com o perfume doce de sua pele. Precisou mais força de vontade do que eu jamais imaginei para não aproximar meu nariz de seu pescoço e sorver o cheiro diretamente dali.

Expirei profundamente, devagar. Abri seus dedos com suavidade e comecei a escrever. Enquanto eu colocava meu número de telefone na palma de sua mão, ela acompanhou tudo silenciosa, ouvia-se apenas a respiração levemente descompassada que saía entre seus lábios de aparência macia. Quando terminei, levei sua mão a minha boca e beijei castamente a pontinha de cada dedo.

— Não perca, Maia. Ou terei de bater em sua janela esta noite, cobrando nosso acordo.

E saí dali, não porque eu queria, mas porque, se eu continuasse, teria roubado um beijo daqueles lábios e não sabia se conseguiria parar. Àquela altura da vida, eu já havia saído com algumas mulheres, umas mais experientes, umas famosas, outras anônimas, mas nada parecia tão bom quanto apenas estar perto de Maia.

Naquele jogo, eu não *joguei* simplesmente, eu “*comi*” a bola, como dizemos no futebol. Fiz os dois gols, dei um

passasse para o Diego fazer mais um. Joguei com garra. E procurei Maia entre a torcida. Ela provavelmente estava nos camarotes do estádio. No segundo gol, apontei para aquele de sua família, como um sinal para ela: “Temos um acordo, Maia Sanchez”.

Maia cumpriu sua palavra. Escondido de todos, nós saímos. Eu a levei para uma lanchonete de uma famosa rede de fast-food, o que a impressionou. Aposto que ela esperava de mim a extravagância que jogadores de futebol costumavam exibir. Oculto pelo boné e sentado num cantinho, ninguém pareceu me notar. Meu rosto já era mais conhecido, na época, passei a ser reconhecido nas ruas, as pessoas me paravam para fotos e autógrafos, mas não ali. Aquela noite era nossa. Comemos batata frita, rimos, falamos um pouco de nós... e eu caí irremediavelmente de amores por aquela menina.

Foi o nosso começo. Encontros furtivos sem ninguém saber, muito menos seu pai. Passei a não sair mais para festas, como fazia com Diego nas folgas. Maia frequentava meu apartamento, levava seu material de estudo para lá, também tocava violino algumas vezes somente para mim. Foi naquele apartamento que tivemos nossa primeira noite de amor, depois de quatro meses de namoro. Eu não a pressionava, queria que as coisas acontecessem no seu tempo. Um dia, as carícias ficaram mais intensas, ela

separou nossos rostos, como quem tinha algo de importante para dizer.

— Eu nunca...

Sorri. O coração chegou a doer de tanto que a menina se tornou importante para mim.

— Eu sei. E não precisamos fazer nada se você não estiver pronta.

— Mas eu estou.

Após ter certeza, procurando no fundo de seus olhos a confirmação de que Maia estava certa daquela decisão – pois seus olhos eram muito expressivos, falavam por ela –, eu a amei. Toquei seu corpo como quem desembrulha o mais delicioso doce. Explorei a sensibilidade de sua pele, e a cada toque, ela se mostrava mais receptiva. Os seios nus eriçavam-se com um simples soprar sobre os mamilos. Foi como uma primeira vez para mim também. Entreguei meu coração àquela mulher.

Um dia, Diego apareceu no meu apartamento de surpresa e a viu ali, usando apenas uma camiseta minha. É claro que eu havia contado a ele que eu estava saindo com alguém, mas tive receio de dizer quem era a garota e o imbecil dar com a língua nos dentes sem querer. Diego estava empolgado demais com a vida de jogador, passou a sair com outros caras do time também e, se revelasse a

qualquer um ali, eu poderia colocar Maia numa situação ruim.

Meu amigo ficou chateado por eu não ter revelado que meu namoro “misterioso” era com Maia, mas aceitou bem. Passou inclusive a frequentar mais minha casa quando ela estava lá.

Alguns meses depois, o pai de Maia descobriu sobre nosso relacionamento. Conrado Sanchez não gostou nada da novidade, mas, naquela altura, estávamos ligados demais para que a opinião dele significasse alguma coisa.

Passamos a namorar oficialmente a partir de então. Ela era a única na minha vida. Eu tinha a intenção de pedi-la em casamento assim que Maia se formasse. Passamos a viver em uma rotina: eu jogava dois jogos por semana, um em casa, e outro viajando para algum estado diferente com o time; Maia estudava Letras e tinha as aulas de violino; e passávamos minhas folgas juntos. Alguns dias, Diego se juntava a nós; outros, ele passava com algumas novas companhias que havia conhecido em festas por aí.

Então fui convocado para a Copa, e meu amigo ficou.

A seleção venceu, ganhei mais notoriedade ao retornar, e choveram propostas para me levar do Nova Era. Clubes grandes, do Brasil e de fora, me queriam. Não aceitei nenhuma, embora os valores de contrato chegassem a quase quatro vezes mais do que eu ganhava ali. Minha

recusa se dava a uma única razão: Diego, pois sabia que Maia iria comigo para onde eu fosse, ela havia dito isso.

Diego e eu tínhamos um pacto de irmãos, de sempre jogar juntos. E, como ele não foi àquela Copa, seu passe passou a valer menos.

Eu não sabia, até então, que meu sucesso, na verdade, despertou um outro lado de meu melhor amigo. Um invejoso, rancoroso... e absolutamente traiçoeiro.

Eu precisava saber, precisava mergulhar dentro de sua cabeça e tentar compreender, de verdade, o que a fez trocar o que tínhamos por aquela situação. Por que foi tão inflexível quanto a me ouvir, no passado, sobre um erro que eu nem mesmo lembrava de ter cometido, para se ver sob as garras de um egocêntrico com tendência a covardia?

Frente a frente com o goleiro do Costa Rica, esperei o apito de autorização. Estávamos nos estudando mutuamente, ele tentando decifrar em que canto eu bateria, e eu repassando mentalmente as imagens que Zine exibiu das defesas feitas por Cambronerio. O sujeito tendia a cair do lado direito, mas, provavelmente, também havia estudado com antecedência minhas batidas e sabia que meus números favoreciam o lado esquerdo. Eu era o batedor de pênaltis oficial do time. Uma falta havia sido cravada em Rudmar, e a responsabilidade estava agora em minhas mãos. Era o primeiro tempo, vencíamos por 2x1, um gol de Gabriel e outro meu. Se eu acertasse, teríamos uma vantagem maior.

Na dúvida de onde bater, decidi inovar. Fiz a famosa “cavadinha”: em vez de chutar a bola numa reta, dei um toque macio por baixo dela, que subiu e encobriu o goleiro, batendo na rede pelo lado de dentro.

O lance foi bonito.

A torcida explodiu.

E senti um repentino orgulho de estar ali. Por impulso, corri para a lateral direita do campo, onde a comissão técnica se encontrava e, enquanto me desvinculava dos inúmeros braços a me abraçarem, agarrei Jorginho e o suspendi no ar. Havíamos conversado sobre essa

possibilidade naquele dia, mais cedo. Usar a “cavadinha” tinha sido uma estratégia sugerida por ele.

— É seu! — Urrei, feliz pra caramba, tomado por aquela adrenalina que somente o campo possibilitava.

A seleção da Costa Rica fez mais um gol, por uma falha nossa na pequena área.

— Temos a vantagem, vamos lá, vamos correr atrás!
— Gritei para os caras, que pareciam abalados pelo lance.

No intervalo, o professor nos repreendeu pela falta de passes no meio, lugar pelo qual Diego era responsável. O infeliz parecia um peso morto dentro do campo. Seus dias de glória em nada lembravam o sujeito ali. Rispidamente, exigi que ele parasse de segurar a bola, como vinha fazendo, e retornamos ao campo.

Eu estava correndo pela lateral esquerda após nosso time recuperar a bola, quando senti aquele mesmo arrepio desconfortável na nuca. Dessa vez, eu sabia o que era. Havia registrado a presença dela na primeira fileira da torcida logo que retornamos do intervalo. Maia estava bem perto, logo atrás do maldito vidro. Evitei o quanto pude olhar em sua direção, até que uma hora não resisti. Os óculos de sol ainda estavam em seu rosto, e agora eu sabia o porquê. E em seus lábios havia também um batom num exagerado tom de vermelho que não combinava com ela. Maia Sanchez não era dada a maquiagens extravagantes... bem,

não a Maia que eu havia namorado por três anos. E, de novo, senti que havia algo por trás daquela cor.

Por que aquilo me incomodava tanto?

Distraído, ouvi meu nome vindo de Thiago Souza. Ele sinalizava para o outro lado do campo, onde a placa de substituição estava erguida. Sairia Diego Nunes e entraria Felipe Montinho. Diego não aceitou bem a decisão do professor. Proferiu uma série de palavrões – ciente de que com a técnica de leitura labial utilizada pela imprensa, eles logo seriam divulgados.

Na minha opinião, foi uma troca absolutamente justa. Se o estúpido egoísta permanecesse mais alguns minutos, corria o risco de levar um cartão vermelho que o afastaria do próximo jogo, visto que já tinha levado um amarelo e parecia estar esquentadinho demais em campo.

O restante da partida passou sem que eu conseguisse manter o foco. De um lado, sentia a energia ruim do imbecil me gorando do banco de reservas, de outro, lutava contra a necessidade de voltar a olhar na direção da mulher dele. E, sempre que eu me dava conta, as câmeras do Estádio Krestovsky estavam em mim.

Faltando cerca de cinco minutos para a partida acabar, eu me sentia exausto, mas não fisicamente. Levantei a camisa até o rosto para limpar o suor e logo ouvi uma gritaria estranha vinda da torcida. Algo acontecera. Voltei a

camisa rapidamente ao lugar e procurei com os olhos o que podia estar errado... Foi quando vi meu peito exposto no telão. Mulheres da arquibancada gritavam meu nome, mandavam beijos no ar.

Sorri da mesma maneira arrogante que eu sempre fazia. Uma máscara. E elas foram à loucura. Aquele sorriso, na verdade, eu direcionei mentalmente a Maia, uma provocação. Queria que ela soubesse que minha vida seguiu muito bem sem ela.

Pensamento mais idiota, eu sei.

Desci ao vestiário, me sentindo meio ansioso, inquieto demais.

Apesar da vitória e do clima de alegria, dentro de mim algo não estava legal. Troquei cumprimentos com os caras, que pareciam eufóricos. Pelo visto, outra festinha estava a caminho.

De canto de olho, vi Diego socar a porta do seu armário, irritadiço. Pelo jeito, não importava que houvéssemos vencido mais um jogo. O cara só ficaria feliz se *e/le* tivesse algum destaque.

Mas não foi a infantilidade e egoísmo do gesto que me incomodou. Foi a violência. A falta de controle dentro de campo e aqui... e fatalmente, acabei pensando em Maia.

Que maldita merda era aquela coisa que eu estava vivendo?! Depois de tantos anos, soava até ridículo que eu

tivesse qualquer preocupação com o bem-estar dela.

Tomei uma ducha rápida, vesti-me com uma calça jeans e suéter, calcei as botas, arrumei o cabelo úmido com os dedos e saí, dessa vez sem me despedir. Fora do vestiário, havia apenas dois caminhos: um que me levava diretamente ao estacionamento coberto exclusivo, e outro que me colocaria de volta àquela sala de convidados e familiares. Não foi minha a decisão de caminhar até lá, mas de meu corpo. Quando percebi, estava abrindo a porta para a área onde as pessoas esperavam os jogadores aparecerem. E a vi. Maia estava ali, no mesmo local. Senti uma palpitação no peito, uma sensação de dor física.

Isso não era saudável.

Mudei de ideia e saí da sala. Fui até os elevadores, numa curva afastada... e me vi voltando outra vez para a sala, sem controle de minhas pernas. Diabos, o que eu estava fazendo?

Trombei com um garçom no caminho, e foi quando uma ideia desajuizada me dominou, uma tão tola e irresistível que me fez sentir vergonha de mim mesmo.

— Ei, cara, será que você pode me fazer um favor? —
Pedi.

Ele acenou em compreensão e logo se deu conta de quem eu era. Foi justamente isso que o fez arregalar os olhos quando ouviu meu pedido. Ignorei a vergonha que

senti e dei a ele algumas notas de minha carteira, como retribuição, então fiz a curva, indo de volta para os elevadores.

Que burrice! Que burrice sem tamanho eu estava fazendo! Andei de um lado para o outro naquela área, quase fazendo um buraco no chão, até que ouvi os saltos, toc, toc, toc, ritmados, suaves, como seu corpo todo. O arrepio que percorreu minha espinha veio com um poder surreal. Meu maldito coração disparou. E então ela fez a curva e me encontrou ali. Um mentiroso.

— *Você?* — Seu rosto se virou de um lado para o outro, procurando mais alguém.

— Mande te chamar — Revelei impassível, sem demonstrar a confusão desastrosa dentro do meu peito ou a culpa por enganá-la me fazendo passar por seu marido.

Vi seus ombros relaxarem momentaneamente e então tencionarem. Maia pareceu, por apenas um instante, feliz que tivesse sido *eu* a chamá-la e não Diego. O que, afinal, estava havendo?

— Por que está usando esse batom? — De todas as perguntas, essa era a mais ridícula e descabida que eu poderia fazer para a mulher que um dia foi minha, mas se casou com meu “melhor amigo”.

A resposta dela que me incomodou.

— Por favor, eu não posso continuar aqui — Disse baixinho, quase assombrada, se não fosse a alta carga de apatia em todo o seu corpo.

Antes que eu conseguisse ao menos raciocinar sobre o papel de tolo que estava fazendo ali, aproximei-me um passo. Ela recuou em direção à parede. Dei mais um. Não pude evitar.

Impulsivamente, diante de seu olhar, levei meu dedo polegar à boca e o umedeci com minha saliva.

Os óculos escuros se movimentaram, como se Maia arregalasse os olhos por trás deles.

Era tarde.

Eu não podia me deter. Aproximei meu dedo de seu rosto, logo ao lado dos lábios vermelhos, e esfreguei delicadamente o ponto, removendo um pouquinho da maquiagem que cobria sua pele. E ali estava, uma mancha arroxeadada bem escondida. Olhei com mais atenção, até mesmo os lábios pareciam maiores daquele lado, inchados.

Meu corpo se retesou.

— Foi ele?

— Nã-não sei do que está falando. — De repente Maia parecia mais frágil do que jamais a vi.

— Responda. Foi ele? — Eu mal conseguia respirar além daquela sensação crescendo com violência, tomando tudo. O desgraçado a roubou de mim para espancá-la?

— Eu não posso ficar aqui, me deixe ir.

— Você poderá ir — afirmei muito sério —, logo depois de falar a verdade.

Ela suspirou ansiosa, encolheu-se, voltou a abraçar o próprio corpo. Tudo o que eu enxergava diante de mim era a mulher bem-vestida com roupas e joias caras, como uma carcaça bem-feita, para esconder o interior quebrado. E aquilo me machucava, ainda que não devesse.

— Ele anda irritado. Estes dias não estão sendo fáceis.

Ri com escárnio.

— É essa a desculpa que dá a si mesma? — Retirei seus óculos. Eu precisava vê-la de verdade. Precisava que me enfrentasse. — Você é o saco de pancadas de um jogador egoísta porque ele que não conseguiu fazer o quê, um gol?

— Pare... por favor, pare... — Os olhos âmbar, um deles quase escondido pelo hematoma em tons suaves de roxo, preto e amarelo, desviaram-se dos meus, vulneráveis.

Sacudi a cabeça, frustrado como o inferno.

— No que aquele pedaço de merda te transformou? Olhe só pra você. Magra demais, apática, parecendo prestes a se partir em pedaços. Que tipo de... — Levei a mão aos meus cabelos úmidos, interrompendo-me de dizer algo honesto que a feriria.

Eu não tinha qualquer direito.

Porém necessitava saber, necessitava mergulhar dentro de sua cabeça e tentar compreender, de verdade, o que a fez trocar o que tínhamos por aquela situação. Por que foi tão inflexível quanto a me ouvir, no passado, sobre um erro que eu nem mesmo lembrava de ter cometido, para se ver sob as garras de um egocêntrico com tendência a covardia?

Respirei fundo e busquei de volta seu olhar.

— O que está havendo? Por que está aceitando isso?
— Em meu timbre de voz, havia apenas o interesse genuíno de alguém que estava desesperado para compreender.

Maia sacudiu a cabeça, negando-se.

— Não me peça para explicar, não me peça para conversar com você. Apenas me deixe ir... — E, no pedido tão aflito, eu li nas entrelinhas.

Podia ser coisa da minha cabeça, mas tudo o que ouvi foi um pedido de socorro, algo que eu responderia fosse quem fosse.

— Isso acabou. Você vem comigo.

Foi assim que cometi o erro mais idiota que eu poderia:

Tomei as dores da mulher para mim, como um tipo distorcido de super-herói. De repente eu me sentia o garoto

tolo, deslumbrado por Maia Sanchez outra vez. O imbecil que faria de tudo por ela.

A besteira estava feita.

Apertei incansavelmente o botão do elevador enquanto a segurava pelo pulso. Não era um toque forte. Podia ver que sua falta de reação se devia ao assombro.

— Ele vai me matar. — Ouvi o que parecia ser um sussurro mórbido. — Se ele souber que me aproximei de você, ele vai me matar...

O elevador chegou. As portas se abriram. E eu a olhei fixamente.

— Pois eu vou te contar uma novidade: ele já está te matando, e você nem mesmo percebe.

Puxei-a comigo para dentro. A mulher não ofereceu resistência. De repente, nossos reflexos estavam no espelho bem diante de nós. O meu era a bela imagem do atleta arrogante, garoto-propaganda das melhores marcas esportivas do mundo, 1,90m de força e preparo físico, corte de cabelo feito por um dos melhores barbeiros da Espanha, o rosto conhecido em centenas de capas de revista. Maia era a imagem de uma mulher triste, vazia, amedrontada, sem qualquer brilho, dona de uma palidez assustadora, rosto marcado pela agressão.

Perguntei-me quando foi a última vez que ela se alimentara, ao menos.

— Não posso fazer isso... — Disse a si mesma.

— Pode.

— Ele vai ferrar com tudo — Repetiu.

E me quebrou um pouco mais a cada vez que eu a ouvia, principalmente ao vê-la se abraçar como uma criança temerosa.

*Como eu ainda podia sentir tanta coisa por uma
pessoa que me despedaçou?*

Enquanto eu dirigia os quilômetros de distância entre São Petersburgo, onde o jogo aconteceu, e Sochi, retornando para a casa alugada, observava de canto de olho Maia encolhida no banco do passageiro. Seu celular tocou pelo menos dez vezes na última hora, e, em cada toque, eu a via estremecer mais. No entanto, em nenhum momento ela me pediu que retornasse. Talvez, de alguma forma distorcida, eu estava dando à mulher uma folga daquele covarde.

Aquela era a primeira vez que eu ficava sozinho com ela desde o dia anterior *àquela* festa, anos atrás. A festa de despedida de Diego Nunes do Nova Era F. C. rumo ao Liverpool. Depois, tudo virara uma tempestade negra que parecia não ter fim, engolindo-me e me arremessando ao inferno, de onde eu demorei muito tempo para sair.

Repassei em minha cabeça centenas de vezes aquelas últimas 24 horas até tudo ruir, e nunca consegui aceitar que eu fiz mesmo aquilo, que eu ferrei meu relacionamento com Maia Sanchez... e que ela correu para os braços de meu suposto melhor amigo.

Quando retornei daquela primeira Copa, a imprensa, os torcedores, os patrocinadores começaram a ferver ao meu entorno. Passei a ganhar mais atenção do que me interessava ter. Em contrapartida, Diego foi tratado como

mero figurante. Naquela época, nossos jogos no Nova Era ganhavam mais público, e, não importava quantos passes bons Diego dava, ou os gols que fazia, o foco era sempre em mim. Detestei aquilo, principalmente porque via que meu amigo estava se deixando abalar. Maia e eu dizíamos a ele que era uma fase e que logo passaria, mas meu amigo se ressentia mais a cada dia.

Lembro que tomei uma decisão, certa vez, quando fiquei sabendo de uma festa barra-pesada à qual ele havia ido no dia anterior. Diego estava mal, sendo autodestrutivo, e era meu dever ajudá-lo. Então passei a me auto boicotar em campo e favorecê-lo. Se estávamos ambos na cara do gol, e eu podia, dava a ele a oportunidade de finalizar; errava lances bobos deliberadamente por algum tempo; dava passes bons para que ele arrematasse... até que seu nome estava de volta à lista de benquistos. O que eu não percebi, na época, foi que aquilo subiu à cabeça de meu melhor amigo. Ele gostou de ser o queridinho e, de uma hora para outra, tornou-se mais competitivo comigo dentro de campo. Nossa sintonia de passes já não acontecia, ele prendia mais a bola, tentava de todos os jeitos finalizar sozinho, não importando se eu estava ali num ângulo melhor. Acho que Diego Nunes se viu numa boa fase e teve medo de perdê-la ou perder para mim o destaque que ganhara.

E isso piorou quando nosso empresário disse que os dirigentes do Liverpool andavam sondando um de nós. Na minha cabeça, nosso pacto de não nos separarmos era algo valioso, só iríamos para um novo clube se contratassem os dois. No entanto, a proposta do clube inglês se estendia somente a um. Então dei minha recusa logo de cara... mas Diego, não. Meu amigo aceitou.

Fiquei feliz por ele, embora um tanto desapontado. Todavia, eu torcia pelo cara. Torcia de verdade. Diego tivera uma infância ainda mais ferrada do que a minha. Ganhar o mundo era um mérito seu.

Logo depois, ele fez uma festa de despedida... e ali meu mundo desabou sem que eu nem mesmo me lembrasse de como.

O toque do celular de Maia me trouxe para o momento. Foi então que percebi a maneira tensa como eu segurava o volante. Já era tarde da noite, estávamos quase chegando. A mulher ao meu lado não disse uma única palavra durante todo o trajeto. No fundo, eu a agradecia mentalmente. Não me sentia disposto a um diálogo banal com a pessoa que ainda detinha o poder de me ferir.

Estacionei o carro na garagem, logo após destravar o sistema de segurança pelo celular. A mansão era praticamente um forte blindado, reservada, escondida do olhar mexeriqueiro da imprensa.

Entramos em casa silenciosos.

Eu sabia que tinha de dizer alguma coisa, só não fazia ideia do que. Olhei-a por inteiro e fiz a única coisa que julguei certo. O que Maia precisava. Deixei-a na sala e caminhei até a cozinha aberta, acendendo a luz.

— Vou aquecer um jantar pra gente. — Falei desconfortável, não sabendo ao certo como agir. — Uma equipe de cozinheiros prepara os pratos e os mantém congelados.

— Não estou com fome. — Escutei sua voz vazia às minhas costas, sem qualquer energia. Aquilo me bateu de jeito.

Forçando uma impassibilidade que eu não sentia, virei calmamente para ela.

— Eu posso ver seus ossos daqui, Maia. — Era a primeira vez que eu dizia seu nome em voz alta em muitos anos, o que surpreendeu a mim e a ela também, haja vista o jeito como se empertigou. — Você precisa se alimentar.

— Estar aqui é um erro. — Declarou depois de um momento de silêncio em que nunca deixou de encarar o chão. — Há muita coisa em risco.

Prendi a respiração e mordi a língua ao mesmo tempo. Isso não era discurso de uma esposa apaixonada, mas de uma apavorada.

— Apenas coma, ok? Se você decidir voltar para onde quer que esteja hospedada, eu a levo de volta, mas mesmo lá precisará comer em algum momento.

E me virei. Retirei do congelador uma embalagem do que supunha ser uma massa caseira e a enfiei no forno. O tempo de preparo estava numa etiqueta colada.

O silêncio dos pensamentos de Maia era ensurdecedor. As batidas do meu coração, alarmantes.

Como eu ainda podia sentir tanta coisa por uma pessoa que me despedaçou?

Caminhei de volta para ela depois de alguns instantes sem dizer nada. Não importava o passado que tivemos, naquele momento eu estava ajudando uma pessoa que nem se dava conta do quanto precisava de ajuda. Parei diante dela. Os cabelos castanho-claros estavam presos num coque que a fazia parecer muito mais velha do que era; os óculos de sol já não se encontravam mais à vista, o rosto, tão pálido e cansado como quem não dormia havia dias. Naquele momento, tive pena dela, um sentimento que jamais imaginei que poderia associar a Maia Sanchez. Amor, paixão, adoração, sim... mas de forma alguma compaixão

Perto de mim, ela era muito pequena, sempre foi. Anos antes, aquele seu tamanho era meu número favorito, o meu

encaixe perfeito para uma noite de paz. *Anos* que pareciam uma vida.

Observei seus lábios no batom vermelho por um instante, então falei:

— Olhe pra mim. — Não era uma exigência. Fui honesto até mesmo nisso.

Ela se recusou a subir o rosto.

— Por favor, Maia, olhe pra mim.

Então o fez. Um olhar significativo, de quem estava sobrecarregada, perdida.

— Eu não quero o seu mal. Qualquer um pode ver que você precisa se alimentar e dormir. — Suspirei, frustrado. — Se não quer estar ao meu lado, não se preocupe. Eu estou cansado pra caralho, preciso de uma boa cama. Fique, coma o que coloquei no forno e depois durma.

Ela também suspirou, porém não disse nada.

— Amanhã eu a levo para onde quiser. Enfrento as consequências; digo que a forcei a vir aqui, se for o caso. Mas, hoje, faça isso por você mesma.

Peguei o que parecia ser um brilho úmido dentro daqueles olhos. Deus, eu nem mesmo sabia o que sentia ao presenciar aquilo. Não podia continuar ali. Não conseguia.

— Há um quarto no final daquele corredor. — Apontei para o lado oposto de onde eu ficaria. — Depois de comer, você pode descansar nele. — Virei-me, de cabeça baixa, e

segui em direção ao meu quarto. — Cuide-se. Vejo você pela manhã.

Dei três ou quatro passos, até ouvir algo que penetrou minha pele, feito uma lança, rasgando tudo.

— Iohan...

Meu nome. Meu maldito nome em seus lábios. Não com a admiração e amor de antes, mas com hesitação.

— Sim? — respondi de costas, baixinho, analisando o que aquilo significava para mim.

— Obrigada.

Não disse nada. Apesar do que meu corpo enrijecido permitia, acenei com a cabeça e segui em frente. Tudo em mim doía, e, ao mesmo tempo, parecia não haver nada. Minhas pernas precisavam de uma banheira de gelo; meu estômago, de uma reposição para a energia gasta... a cabeça, no entanto, queria se enfiar num travesseiro e dormir, simplesmente dormir até esquecer. Esquecer que estava na mesma casa que ela; que um dia a amei com cada pedaço de mim; que Maia decidiu não me ouvir ou perdoar; que ela correu para os braços do maior filho da puta que já existiu... e se casou com ele.

Encontrei Maia na cozinha pela manhã logo cedo. Eu estava uma merda por não dormir nada. Ela parecia sofrer do mesmo mal, exceto que agora seu rosto estava limpo, livre de toda aquela maquiagem carregada... e pude enxergá-la como realmente estava. O hematoma do olho era diferente do que se via no dia anterior, era mais vivo, mais fresco. A mulher havia feito um bom trabalho em maquiá-lo antes, pois o que parecia ruim se mostrou ainda pior. Diego a acertou de punho cheio, do modo como bateria em um homem, o maldito covarde. Os lábios apresentavam um corte que se estendia um pouquinho acima do arco, acompanhado de um arroxeadado na lateral.

— Bom dia. — Cumprimentei, sem conseguir tirar os olhos daquilo.

A vergonha e a humilhação que se exibiam em seu rosto quase me fizeram abrir a boca para dizer que ela não tinha culpa. No entanto, condescendência não serviria de nada.

— Dia... — sussurrou, encarando fixamente uma xícara de café à sua frente. Poderia apostar que sequer o provou.

Entretanto, notei algo de curioso. Ali, sobre o balcão, havia outra xícara grande, vazia, como se ela a tivesse colocado para mim.

Não costumava tomar aquela bebida pela manhã. Meu desjejum era uma combinação de proteínas, suplementos de reposição e frutas, mas, por uma questão de gentileza, servi-me do café recém-filtrado na cafeteira.

Sentei-me silenciosamente a sua frente, e ficamos assim, bebericando nossas bebidas, mergulhados em pensamentos, evitando nos enfrentar. Contudo, havia coisas que precisavam ser ditas, por exemplo, o fato de eu a trazer para minha casa sem pensar nas consequências para ela. Refleti sobre isso a noite inteira. Aquele babaca não deixaria barato o fato de sua mulher ter dormido em algum lugar em que ele não soubesse. A pergunta de um milhão de reais era: por que ela se sujeitava àquela vida? Ou Maia amava muito o filho da puta, ou tinha muito medo dele. Eu preferia acreditar na primeira, era mais aceitável, principalmente pelo nosso passado.

De repente o telefone dela vibrou sobre a bancada de quartzo, barulhento. Os ombros magros, sob uma blusa preta do tipo segunda pele, contraíram-se. Vi o momento em que fechou os dedos magros em volta da xícara. A pele branca demais exibia pontos vermelhos pela força aplicada. Na tela, o nome dele. A chamada não foi atendida, mas resultou num correio de voz. Fingindo uma calma que provavelmente não sentia, Maia pegou o aparelho, correu o dedo pelo botão de ouvir e o levou à orelha. Sentado à sua

frente, pude assistir em primeira mão aos seus lábios se comprimirem no primeiro grito dele na gravação.

Eu estava cansado daquela merda.

Sem dizer uma palavra, estendi o braço e tirei o telefone dela. Houve uma tentativa de protesto. Ignorei-o, trouxe o aparelho ao meu ouvido e passei a escutar tudo o que o canalha berrava:

“Maia, por Deus, a hora em que eu botar minhas mãos em você – uma pausa e uma risada desesperada –, não queira nem saber o que eu farei. Atenda a maldita porra desse telefone! Eu estou mandando!”, essa era uma das gravações.

Deixei correr para a próxima:

“Vai bancar a vagabunda agora? Esqueceu com quem você está lidando? Esqueceu o que posso fazer com você e sua família se eu fizer apenas uma ligação?”. Maia acompanhava minha reação com uma expressão fantasmagórica. *“Desgraçada! Eu vou te ferrar se você não aparecer agora mesmo, Maia! Eu vou te ferrar!”*. A seguinte: *“Se eu sequer imaginar que você chegou perto dele, eu te mato, ouviu bem? Eu te amo, vagabunda!”*.

Ouvi o suficiente. Meu estômago embrulhou. Perdi a vontade de tomar aquele café ou ingerir qualquer alimento.

— O que ele pode fazer contra sua família? —
Observei com muita atenção sua reação. Alguma coisa me

dizia que a chave de seu medo estava ali.

Confirmando minhas suspeitas, seu rosto perdeu a cor. Ela pegou o telefone que descartei sobre a mesa num gesto bruto e o levou ao próprio colo, aparentando não estar disposta a dizer nada.

Muito bem. Sem ter mais autocontrole suficiente para ficar ali, eu me levantei.

— Tenho de ir para o CT. — Olhei-a de cima. — Gostaria que ficasse aqui e descansasse, desta vez de verdade, já que, aparentemente, você não dormiu nada durante a noite.

— Eu preciso voltar. — Disse firme, sem subir o olhar.

— Não é uma boa ideia. Espere que ele se acalme, se é que o imbecil é capaz disso.

— Você não entende...

Pressionei a mandíbula num aperto forte antes de responder.

— Tem razão. Talvez eu nunca entenda. Mas, se puder aceitar o meu conselho e esperar, eu me sentiria melhor se ficasse.

Ela meneou a cabeça devagar, como quem negava. Tive de apelar:

— Pois, infelizmente, decidi não te dar escolha. Ou você fica, pelo menos até a hora de eu voltar, ou conto ao idiota que você passou a noite comigo.

Passou a noite comigo. Ambos sabíamos o quanto aquilo pareceu sugestivo, sujo, até. Porém, bastou para eu ter sua atenção. O olhar de horror que direcionou a mim, como se *eu* fosse o monstro naquela história, me fez mal.

Apanhei as chaves do carro, sobre o balcão, sem voltar atrás em minha posição.

— A decisão é sua. Mas você precisa me dizer agora como será.

Maia me estudou intensamente, como quem procurava algo em mim, antes de abrir a boca:

— Por que está fazendo isto, Iohan? — Assim como na noite anterior, meu nome em seus lábios mexeu comigo. Exigiu mais esforço do que o esperado para eu conseguir me manter frio. O pior era que eu sequer tinha a resposta para aquilo, então falei a primeira coisa que veio à mente:

— Você precisa de ajuda, Maia. Pode não ter se dado conta *ainda*, mas precisa. Eu faria o mesmo por qualquer pessoa.

Senti que a resposta a atingiu. Algo parecido com mágoa farfalhou ligeiramente em sua expressão, mas logo desapareceu.

Essa merda era desgastante.

— E então? — Arqueei a sobrancelha arrogantemente, sem piedade.

— Ele ficará maluco se souber que eu estive perto de você... — Era como um aviso.

Quase bufei. Aquele desgraçado era covarde demais para tentar qualquer coisa contra mim.

— Então é melhor que não saiba, não acha? Fique aqui, e à noite te ajudo a pensar no que fazer.

Maia estava na dúvida, eu podia enxergar.

— Por favor... — Recuei um pouco meu tom e mudei a estratégia. — Você precisa dormir. Está com uma cara péssima.

Suas bochechas se tornaram rubras. Era a primeira vez que eu via qualquer cor em sua pele, além dos machucados, desde que tive a ideia ridícula de sequestrá-la. E, pelo jeito, meu apelo surtiu efeito, pois, com um aceno fraco, desconfortável, Maia acabou aceitando.

— Muito bem. — Falei por fim. — Vou cancelar a equipe de limpeza e da cozinha, para que tenha mais privacidade.

E não me despedi. Saí caminhando pela porta que levava à garagem e a deixei ali, mergulhada em seus problemas, que, aparentemente, eram maiores do que eu pensara inicialmente.

Dentro do carro, a caminho para o CT, corri os olhos pela lista de contatos do meu telefone. Disquei primeiro para Luciana, minha assessora pessoal, pedindo que cancelasse

os serviços na casa e mandasse alguns seguranças extras para vigiar o lado de fora. Não expliquei o motivo; ela, discreta como sempre, compreendeu e disse que providenciaria aquilo ainda pela manhã. Liguei, então, para uma pessoa em quem eu tinha muita confiança e pedi um favor.

Ao entrar no vestiário e me preparar para o treino, encontrei os jogadores todos ali. Falantes, cheios de adrenalina e histórias para contar sobre o dia anterior. Alguns poucos repetiram a festinha, outros se abstiveram. Olhando para cada um, eu poderia dizer quem festejou e quem descansou apenas pelas olheiras. E, então, vi o desgraçado de perfil, mexendo sem parar no telefone, provavelmente aterrorizando a esposa. Lembrei-me dos hematomas e senti o sangue ferver pelas veias dos meus braços. Contudo, eu não podia fazer nada; qualquer passo mal dado prejudicaria Maia, e eu ainda não estava certo sobre o que ela pretendia fazer... talvez voltasse para o cara como se nada tivesse acontecido, como se ele não a tivesse utilizado como saco de pancada.

“Não dá. Não dá pra continuar perto de você...” me ouvi dizendo num tom de voz que sequer parecia o meu, perdido, atônito, porque não dava mesmo. Aquela merda doía demais.

Depois de um treino pesado e de assistir a Diego Nunes descontrolado, dando entradas duras nos caras, sem nenhum espírito esportivo, descontando sua raiva em qualquer coisa que se movesse – e me lançando inúmeros olhares de esguelha, provavelmente tentando encontrar algo em mim que denunciasse se eu sabia sobre Maia, o que fiz questão de dissuadir –, finalmente pude pegar meu caminho de volta. Ao me direcionar ao estacionamento, vi de longe a desmilinguida Janaína fazendo alguma matéria sobre o treino do dia. Não sei por que acenei para ela como se fôssemos velhos conhecidos. Ela retribuiu timidamente, porém, percebi o orgulho por trás daqueles óculos grossos semelhantes a fundos de garrafa. *Talvez eu dê uma entrevista completa pra ela quando tudo isso acabar,* pensei.

Pesquisei no celular um restaurante em meu trajeto onde eu pudesse comprar o jantar. Encontrei um chinês e um italiano. Lembrei que Maia gostava da culinária oriental e optei pelo chinês. E me xinguei por ainda conhecer os gostos dela depois de tanto tempo. Ao colocar o carro para dentro da mansão, deparei-me com um número maior de seguranças rondando o local, exatamente como pedi. Por instinto, achei melhor garantir que Maia ficasse segura

enquanto estivesse na casa. Eu não duvidava de que Diego pudesse mandar alguém para investigar por ali.

Peguei as sacolas e subi os degraus até a porta. Não vi Maia na sala ou em qualquer lugar à vista. Andei, então, até a ilha da cozinha, pronto para armazenar os alimentos antes de ir pesquisar se a mulher ainda estava ali; meu celular, no bolso do jeans, vibrou, no entanto. Puxei-o e encontrei o nome de meu pai me chamando. Deslizei o botão de atender, coloquei no viva voz e descansei o telefone sobre o balcão.

— Benção, pai.

— Deus te abençoe, filho. E então, como foi o treino?

Retirei as quentinhas da sacola de papel.

— Foi como todos eles são: torturantes. E a mãe?

— Ela está bem, graças a Deus. Uma equipe do Roda de Esporte esteve aqui hoje tentando fazer uma matéria com ela...

— Bando de abutres. — Resmunguei enquanto abria o forno e guardava os alimentos quentes ali dentro, para manter a temperatura.

— Sua mãe botou eles para correr. Ela lembrou de quando fizeram aquela matéria de que você estava... você sabe... naquela época depois da filha do Sanchez.

Meu peito doeu. Não por como me comportei na época, mas pela dor que causei aos meus pais. Depois de

Maia, entrei numa depressão violenta, não queria sair de casa, faltava aos treinos, a imprensa começou a especular... e meus pais sofreram *pra* caralho. Minha tristeza é tê-los feito passar por aquilo. Eu deveria ter sido mais forte, mas não consegui.

— Passou, pai.

— Sim. Passou. — Ele remoeu, com uma pontada de ressentimento, não de mim, mas do que ele acha que fizeram comigo. — Eles se merecem.

Suspirei. Essa não era uma conversa que eu queria ter com meu velho.

— E então, qual é o conselho para o jogo de quarta?
— Senti que o novo assunto seria muito mais prazeroso para ele.

— Garoto, eu estudei o time da Sérvia. Aquele Branimir é uma muralha; nas bolas altas, o menino pega tudo. Vocês precisam treinar as rasteiras, que é onde ele demora mais para chegar... — hesitou, pensativo. — Embora, com quase 2m de altura, é difícil um canto onde ele não alcance.

Tive vontade de rir. Jorginho passara a ficha do cara para a gente naquele mesmo dia, e, em palavras diferentes, era quase isso que o auxiliar técnico dissera.

— Anotei aqui, pai. Espero não esquecer nada no dia, principalmente a altura do goleiro. — Zombei

respeitosamente.

Ouvi uma reprimenda. Escutei-o relatar sobre a festa que os vizinhos estavam organizando para fechar a rua no dia do jogo e percebi o quanto o homem estava orgulhoso por ser o convidado de honra, apesar de se fazer de durão sobre não saber se participaria ou não. Meus pais ainda viviam em São Marcos, por escolha deles.

Despedi-me ciente de que, no dia seguinte, conversaríamos outra vez.

Guardei o celular no bolso e, ao me virar para sair da cozinha, surpreendi-me por encontrar Maia sentada desconfortavelmente no braço do sofá da sala, virada para mim. À meia-luz, eu não havia notado sua presença antes. Prestei atenção nela, com a mesma roupa do dia anterior, exceto pela ausência do casaco de pelos. Se ela fosse ficar mais um dia – e eu sequer sabia se gostaria que isso acontecesse –, teria de mandar apanhar suas roupas no hotel. Reparei que o cabelo estava úmido de um banho recém-tomado; à distância, não pude ver seu rosto, no entanto.

— Oi. — Fui eu a romper o silêncio.

— Era seu pai? — Perguntou no que, aos meus ouvidos, pareceu ser timidamente.

Bufei de leve.

— Em época de um campeonato importante, o Seu Odair se transforma em meu técnico e conselheiro pessoal; o papel de pai se reserva aos outros dias. —Quis brincar, quis quebrar um pouco daquele clima estranho pairando entre nós.

— Ele te ama... — Disse de um modo que não me deixou saber o que isso significava.

— Sim. — Soltei a palavra apenas para preencher o espaço. Guardei as mãos casualmente nos bolsos da calça e, incerto, dei um passo à frente e depois outro, devagar.

— Você... descansou?

Vi um vislumbre do que se assemelhava a um sorriso pequeno, sem jeito.

— Desmaiei.

Quase respirei aliviado. E odiei a fraqueza por ainda me importar.

Igualmente sem jeito, encolhi um pouco os ombros.

— Eu trouxe o jantar... Pensei em tomar uma ducha rápida antes de comermos. Tudo bem para você?

Esperei ali, com a isca, que Maia me dissesse estar pronta para ir embora. Não sabia que tipo de sentimentos eram aqueles contrastando dentro de mim: uma parte querendo que ela partisse; a outra, masoquista, desejando que ficasse pelo menos mais um dia.

Quando ela confirmou com um balanço fraco de cabeça, significando um sim, eu também meneei a minha, como quem diz “certo”. E, sem pressa, mas sem qualquer outra palavra, segui para o corredor.

Dentro do quarto, despi-me das botas, jaqueta, suéter e camiseta e fiquei apenas de calça. Havia me lavado mais cedo no vestiário no CT, mas lá eu fazia apenas para tirar o suor. Não era um banho de verdade. Não com a privacidade de um chuveiro somente para mim.

Antes de me dirigir para o banheiro da suíte, no entanto, chequei um e-mail de Novaes, o faz-tudo em quem eu confiava. Vi alguns documentos anexos, mas decidi ligar e ouvir de sua boca do que se tratava.

— Ei, campeão. — Atendeu rápido.

— Fala, cara. Como tá tudo aí? — Cumprimentei.

— Tá beleza. Recebeu o material que te enviei?

— Sim, mas não li. De que se trata? — Lancei um olhar para a porta, certificando-me de que eu a havia encostado.

— As fichas de todos eles estão ali. Financeira, jurídica, tudo o que você pode querer.

Expirei longamente. Detestava fuçar merda alheia, mas o caso ali parecia exigir.

— Encontrou alguma coisa?

— Oficialmente, nada de errado. — Revelou, fazendo certo suspense.

— E não-oficialmente?

Ouvi o rangido de seu corpo se lançando no que parecia ser uma poltrona de molas. Podia até mesmo visualizar a cena, pés para o ar, cerveja na mão e o sorriso convencido de quem fez o dever de casa.

— Algo grande está para estourar contra o velho. Acho que nem mesmo ele sabe, mas, ao que parece, se o Sanchez deixar o Brasil, será apreendido pela Interpol numa investigação sobre crimes financeiros. Cara, o negócio é *realmente* grande. A lista tem dirigentes da Federação Brasileira e até figurões da Federação Internacional.

Assoviei baixo, surpreso. É claro que havia muita sujeira no meio, boatos falavam sobre compra de votos para sedear Copas e merdas assim, mas nunca pensei que alguém teria coragem de mexer naquele vespeiro quase secular. Perguntei-me se Maia sabia que seu pai, dirigente da FBF havia três ou quatros anos, estava prestes a ser preso. Porém não encontrei um vínculo entre isso e a situação da mulher com o marido. Aparentemente, eram casos isolados.

— Mais alguma coisa?

Novaes riu, debochado.

— Te dou algo que ninguém ainda sabe e essa pergunta de merda é tudo o que tem pra mim?

Fiz um som de deboche.

— Com a grana que me cobra, você deveria me trazer até as notas escolares do primário dessa gente.

— Isso é fácil pra mim, você sabe — vangloriou-se. — Agora me diga, campeão, o que está *querendo* que eu encontre?

Cogitei dizer, então refleti um pouco e desisti. No entanto, se havia uma conexão, eu precisava descobrir.

— Quero saber se Nunes tem alguma coisa que pode ferrar com o Sanchez ou a filha dele.

— A esposa do cara, você quer dizer.

— Sim, é isso aí — fingi que não me importava. — Quero saber se os Sanchez devem dinheiro para ele ou fizeram algo que os colocaria em problemas.

Novaes se calou por alguns instantes. Podia adivinhar o que estava pensando. Era notório que a filha do dirigente do Nova Era, na época, me trocou por Diego Nunes.

— Verei o que consigo. — Disse por fim.

— Valeu. — Desliguei.

Descalço, de banho tomado, vestido com um jeans surrado caído sobre o quadril e camiseta, retornei à sala. O sistema de aquecimento da casa estava ligado, um calor agradável era sentido por todo o caminho.

Maia estava sentada à ilha, no mesmo lugar em que a vira naquela manhã. Reparei que os utensílios para o jantar estavam postos.

Sentei-me a sua frente, diante de um prato vazio colocado para mim. Calada, ela abriu as tampas das quentinhas. Notei certa surpresa pela escolha dos alimentos, mas me mantive impassível. Arrisquei um olhar de soslaio para seu rosto; as marcas permaneciam iguais, e aquilo era como sujar uma tela perfeita. Maia tinha tudo delicadamente em harmonia em seu rosto. O nariz, pequeno e ligeiramente arrebitado, olhos grandes cor de âmbar, cílios pesados curvilíneos, o rosto em si possuía um formato bonito de coração, lábios grossos num rosado natural. Seu corpo era um espetáculo à parte. Por baixo das malhas que costumava usar no dia a dia quando mais jovem, havia seios pequenos, vistosos, durinhos e empinados; mamilos da mesma cor dos lábios. Abdômen plano, e sua... por Deus, eu precisava mesmo estar duro pensando nos detalhes? Que tipo de tortura eu estava me infligindo?

Depois de vê-la se servir com uma porção do yakisoba, fiz o mesmo, porém, com uma muito maior, e passamos a nos alimentar silenciosos. Vez ou outra eu me pegava olhando-a, tentando compreender o que se passava em sua cabeça para aceitar aquele tipo de situação. Sim,

pois eu podia apostar um braço que aquela não foi a primeira agressão que o covarde fez contra a esposa.

Em dado momento, não pude continuar me comportando como se nada estivesse errado. Ou eu permanecia ali e despejava tudo o que, de repente, entalava minha garganta, ou me afastava.

— Você pretende ficar? — fui direto ao maldito assunto.

Sua mão que segurava o garfo tremeu e então o pousou cuidadosamente sobre o prato.

— Eu não posso. Tenho de voltar ao hotel — falou, e, merda, a afirmação me incomodou muito.

— Não tem de ir se não quiser. O cara não poderá abandonar a concentração pelos próximos dias, de qualquer jeito.

Um meio sorriso triste rasgou seus lábios feridos.

— Os amigos dele já devem estar me procurando... — Sussurrou, envergonhada.

Pela santa morte! Afastei meu prato abruptamente, mandando o controle da língua pelos ares.

— Você se ouve? — Inclinei a cabeça e a encarei com indignação. — Ao menos ouve a forma como isso sai da sua boca? Pelo amor de Deus, Maia, o que há com você?! O cara te espanca, bota os amigos dele... — ri num bufo frustrado — *amigos bandidos* dele, melhor dizendo, na sua

cola. Que tipo de vida é essa que você está vivendo? — Foi uma acusação, e nem pude evitar.

Vi a fúria e a mágoa que farfalharam dentro de seus olhos quando, rígida, levantou-se de supetão. A cadeira arranhou o chão, fazendo um barulho agudo.

— Isto não é da sua conta, Iohan. Nada que diz respeito a minha vida é da sua conta há muitos anos. — Ao contrário de mim, Maia não elevou o tom, manteve-o baixo e frio, mas apontou aquele dedo fino e pálido em minha direção, parecendo igualmente me acusar, não de me intrometer em seu relacionamento, mas de uma coisa mais profunda.

Também me levantei.

— Não é mesmo! Mas quer saber? Eu me importo! Eu não deveria, mas me importo! — e essa merda escapou como um rugido de um leão, ferindo meu orgulho e amor próprio, mas escapou.

Eu me odiei naquele momento. Odiei a sensação das paredes me cercando e se fechando, sufocando. Odiei aquela dor vindo abrir meu peito, no lugar onde eu pensava estar cicatrizado. Odiei Maia Sanchez por ainda ter aquele poder sobre mim.

Esfreguei o rosto, ofegante, cego, talvez entrando numa maldita crise de pânico que há muitos anos eu não sentia.

— Não dá. Não dá pra continuar perto de você... —
ouvi-me dizendo num tom de voz que sequer parecia o meu,
perdido, atônito, porque não dava mesmo.

Aquela merda doía demais.

— Você quer que eu vá? — foi a pergunta estúpida
que ouvi dela, fraca, temerosa, como se a decisão fosse
apenas minha

Maia queria me enlouquecer. Não havia outra
explicação. Como ela podia indagar isso quando a simples
ideia dela indo embora, voltando para o canalha e correndo
risco de ser espancada, me matava?!

Sacudi a cabeça, sem realmente focar em alguma
coisa que não naquela nuvem densa me cegando outra vez.

— Fique, se achar melhor. Ou vá para ele, Maia. Esta
não será a primeira vez.

Não permaneci ali para saber sua escolha. Tampouco
na casa. Peguei minha carteira e chaves do carro e saí. Eu
ainda amava aquela mulher. Amava com a mesma loucura
de antes, talvez mais.

Percebi que velhos hábitos estavam se repetindo: a insônia; a angústia; o aperto no peito como se eu mal pudesse respirar. Aquela situação era nociva para mim. Diego Nunes, Maia Sanchez e a bagunça entre eles era nociva.

Aquele seria nosso último treino em Rostov antes do jogo contra a Sérvia, o adversário final na fase de grupos. Eu deveria estar mais concentrado. No entanto, não conseguia. Os pensamentos estavam uma bagunça. Depois que saí daquele jeito de casa, na noite anterior, dirigi pela cidade por horas, tentando refrescar a cabeça, organizar as coisas em minha mente. Retornei já era madrugada, e, sem poder evitar, fui silenciosamente até a porta do quarto onde Maia estava hospedada na mansão apenas para ter certeza de que ela ainda estava ali. Não precisei bater ou ouvir qualquer sinal dela lá dentro. Eu a senti, senti sua presença, não importando o quanto esse tipo de conhecimento era frustrante. Aquilo bastou.

Antes de o dia clarear, deixei um bilhete avisando que eu só retornaria em três dias, já que embarcaria com o time para Moscou, onde teríamos o terceiro jogo da primeira fase. Dentro do carro, no estacionamento do CT, liguei para Luciana, minha assessora, e pedi que providenciasse ainda pela manhã a compra de produtos e roupas femininas – tudo o que fosse necessário – e os enviasse para a minha casa provisória. Revelei a ela para quem seria, confiava em Luciana. Não esperava que Maia fosse ficar, mas, se decidisse, teria ao menos o que vestir sem se preocupar em

voltar para o tal hotel, onde certamente os cúmplices de Diego vigiavam.

Ao meio-dia nos encontrávamos no refeitório do CT, técnico, comissão, jogadores. O barulho de conversa e risos promovia um latejar afiado contra minhas têmporas, visto que não dormi um só minuto durante a noite. Percebi que velhos hábitos estavam se repetindo: a insônia; a angústia; aquele aperto no peito como se eu mal pudesse respirar. Aquela situação era nociva para mim. Diego Nunes, Maia Sanchez e a bagunça entre eles era nociva.

— Ei, Croife, o que você anda fazendo que está com essa cara de quem não dormiu? — Gabriel brincou do outro lado da mesa, a cerca de cinco lugares de distância.

Tirei a atenção do almoço remexido a minha frente para encará-lo e percebi a atenção de todos em mim.

— Essa história de ter uma casa só pra ele está tirando a concentração do Croife, professor — Felipe Montinho, com a boca cheia, gesticulou com o garfo enquanto falava. — Isso pra mim cheira a mulher.

Mostrei um gesto sujo com o dedo para eles, rindo, tentando embarcar no clima de brincadeira para que ninguém percebesse a merda como eu me sentia. Não perdi a maneira como Diego Nunes se virou abruptamente de onde estava na mesa ao lado para me encarar. A suspeita estava em seu semblante sombrio, no modo raivoso como

pressionava a mandíbula. Algumas coisas não mudavam. Diego continuava o mesmo moleque a achar que o mundo lhe devia. Sustentei seu olhar numa declaração de que ele era um canalha e eu o desprezava.

O restante do almoço perdurou no mesmo clima. Contudo, o momento alto do dia finalmente aconteceu. Enquanto eu caminhava de volta para o vestiário, no corredor, de repente fui pressionado contra a parede numa pancada. Antes de eu mesmo confrontar o agressor, sabia de quem se tratava. Diego queria brigar. E eu? Estava maluco para lhe dar uma lição.

— Você está com ela, não está?!

— Vá se foder, pedaço de lixo. — Rosnei baixo, frente a frente.

Inveja, ódio, rancor foram os sentimentos que li dentro daqueles olhos negros. Éramos Caim e Abel. Criados juntos, separados pela inveja e traição.

Ele me empurrou. Eu o empurrei de volta com mais força.

— Eu mato ela, ouviu bem?! Meto uma bala no meio da cabeça da desgraçada antes de deixar você ficar com ela!

E, quando meu cérebro compreendeu a ameaça, não vi mais nada. Lancei-me sobre ele, desferi um soco contra sua mandíbula que repercutiu um som alto. E não parei.

Meti porrada atrás de porrada em Diego, que se defendia e me atacava também, mas nenhuma força poderia ser comparada a minha. Eram seis anos de uma dívida que precisávamos acertar. Era ele roubando minha mulher de mim para transformá-la em nada, espancá-la, destruí-la. O sangue jorrando do maldito nariz de Diego não me acalmou. Vê-lo quase inconsciente também não o fez. Eu pensava no rosto de Maia, nos hematomas, e nada parecia me satisfazer.

A mão firme de Zine contra meu ombro foi o que me fez raciocinar por um instante. Nenhum dos caras do time conseguia nos separar, mas o técnico, sim. Eu o respeitava e, ao ouvi-lo, entendi que precisava parar.

— Foi o suficiente, garoto. — Disse apenas uma vez.

Não havia sido o suficiente para mim. Porém, ao menos Diego segurava o nariz como se eu o tivesse quebrado, e o olho, do mesmo lado onde sua esposa estava ferida, fechava-se sob o inchaço de um golpe que teve um sabor especial.

— Covarde de merda! — Cuspi, literalmente cuspi nele.

— Eu vou matar ela! Vou matar vocês dois!

Jorginho se colocou entre Diego e eu, separados por jogadores nos segurando em lados opostos do corredor.

— Ninguém vai matar ninguém aqui. Vocês estão no meio de uma Copa do Mundo, deixem seus assuntos domésticos longe dos campos.

Não voltei a destroçar a cara do infeliz por Jorginho, por saber que ele tinha razão.

No dia seguinte, o rosto de Diego Nunes estava em todos os jornais. Olho roxo, nariz inchado, expressão ferina no momento do clique indiscreto feito por algum jornalista sorrateiro que conseguiu burlar a segurança do treino fechado. A imprensa especulava o que poderia ter acontecido. Meu nome foi citado, e toda a história do “roubo da namorada” no passado foi desenterrada. No entanto, ninguém podia confirmar que tinha sido eu o responsável. Pensei em Maia e se ela havia acompanhado a notícia, mas logo tratei de dissipar sua imagem de minha mente. Eu precisava me concentrar no jogo e somente nisso. Dali a algumas horas, enfrentaríamos a Sérvia.

No final do dia, dentro do avião que nos levava de volta a Rostov, o clima era de festa. Vencemos por 3x1, num jogo bonito. Um dos gols, fiz depois de uma roubada de bola fora da grande área. Os caras não paravam de comentar aquele lance, alguns diziam que eu concorreria ao prêmio

de gol mais bonito do campeonato. No entanto, apesar dos sorrisos que dei, da descontração que me forcei ao lado deles, nada daquilo realmente me importava. Eu estava ansioso pra caralho, queria chegar em casa e descobrir se Maia ainda estava lá. Queria ver seu rosto outra vez. Precisava dessa merda.

Ao pisar em solo, soube por uma ligação de Luciana que alguns sujeitos tinham rondado a mansão nos últimos dias. *Os comparsas de Diego, provavelmente.* A segurança, que já era forte, foi ampliada. Também descobri por ela que minha hóspede ainda estava lá e, inferno, senti um alívio tão profundo que me assustou. Aquele era um jogo perigoso que eu estava jogando. Meus sentimentos estavam em risco outra vez, minha sanidade, principalmente... No entanto, eu queria arriscar. Queria olhar para Maia Sanchez e entender por que decidiu ficar.

Cheguei em casa e encontrei Maia na sala, vestida com jeans e uma blusa de lã, cabelos soltos na altura dos ombros – de modo diferente das madeixas longas de anos atrás –, mãos unidas em frente ao corpo. Bastou olhar em seus olhos para notar a inquietação. Não precisou que me dissesse estar de partida, eu sabia.

— Oi — saudei com cuidado, a despeito de como agia meu coração, batendo violentamente, quase desesperado

para pedir-lhe que ficasse mais um dia. Eu não me sentia pronto para deixá-la ir.

Maia mordeu o lábio, talvez sentindo o mesmo que eu, talvez não.

Notei que os ferimentos estavam mais suavizados. Era algo bom, mas que possivelmente duraria pouco se ela voltasse para aquele covarde.

— Eu estava te esperando... — a voz baixa, eu podia estar maluco, revelava certa tristeza, como se nosso momento finalmente chegando ao fim fosse a razão.

Percebendo que ela não diria, eu completei:

— Para se despedir, não é?

Comprimindo os lábios, ela assentiu.

— Você vai voltar para ele depois de tudo, ciente do que o covarde fará, Maia? — eu não deveria perguntar. No entanto, não podia me deter.

Ela deu um passo atrás e se sentou no braço do sofá.

— Há coisas que me obrigam, lohan. Coisas que não dizem respeito somente a mim.

Devagar, deixei a mala no chão, porém permaneci no lugar, apenas guardei as mãos nos bolsos, provavelmente me impedindo de gesticular como um doido ou sacudi-la até que essa mulher enxergasse a razão.

— Diz respeito ao seu pai — afirmei.

O olhar dela, que covardemente estava no tapete, subiu imediatamente. Pensei ver Maia perder a cor.

— O que... o que você sabe?

Bingo.

— Talvez mais do que você. É por seu pai que está se permitindo essa situação? Conrado Sanchez ao menos sabe *o que* a filha tem passado nas mãos daquele merda?

Eu a feri, o que eu disse a feriu. Notei quando dor atravessou seus olhos.

— Ele me ligou, Iohan. Meu pai quer que eu volte para o meu marido, ou corremos o risco de ele...

Parou de falar. A mulher se calou, e para o diabo com isso! Eu não conseguia mais aceitar.

— De ele o quê, Maia? O que Diego pode fazer contra vocês?

Ela sacudiu a cabeça, como quem não podia revelar.

— Já parou pra pensar que eu posso te ajudar? Que posso te tirar dessa merda?

E então, surpreendendo-me completamente, ela riu. Maia Sanchez riu alto, histérica, parecendo ter ouvido uma piada. Fiquei ali, tenso, esperando que ela acabasse e me dissesse qual foi a graça.

Tirei as mãos dos bolsos e abri os braços, como quem pede uma explicação.

— Você me ajudar, Iohan? O cara que me empurrou para essa vida infernal pode me ajudar?

Levei um choque, um tão agressivo que eriçou todo o meu corpo numa energia selvagem.

Quando dei por mim, estava muito perto dela.

— Está jogando sobre mim a culpa pelas escolhas que *você* fez? — Minha incredulidade era desmedida. — Por ter corrido para os braços do meu melhor amigo quando as coisas ficaram difíceis?

— *Difíceis*? É isso o que você diz a si mesmo? — Empurrou aquele dedo magro contra meu peito. — Você me traiu, cara, sabe-se lá quantas vezes! Foi desonesto comigo o tempo todo! Você... você me quebrou, seu egoísta!

Fui eu a rir alto desta vez, tomado pela raiva, pela descrença.

— Eu te quebrei, Maia? Você não me pareceu quebrada quando se enfiou num romance ardente na Europa e logo em seguida se casou. — Bati palmas. — Gostaria *eu* de ter ficado assim. Gostaria *eu* de não ter me afundado numa maldita depressão enquanto você estava vivendo sua grande história de amor ao lado do cara que um dia cheguei a chamar de irmão.

Ela sacudia a cabeça e me olhava como quem sentia nojo. Contudo, o que eu sentia era muito pior.

— Ouvir você dizendo que te traí “sabe-se lá quantas vezes” é tão, tão fodido. Eu era maluco por você! Ma-lu-co, ouviu? Como eu poderia te trair, menina? — E, nesse ponto, eu já estava tão perto que nossas bocas praticamente se encostavam — Eu daria minha vida por você! Minha maldita vida, Maia!

Ela esmurrava meu peito com força, punindo-me. A textura quente de suas lágrimas umedecia meus lábios e, por Deus, tudo o que eu mais queria nesse momento era consumi-las, senti-las na minha língua. Contudo, foi o que disse que fez eu me afastar, como se o contato de repente queimasse:

— Mas me traiu! Eu vi! Ninguém precisou me contar, lohan, eu vi! — berrou contra meu rosto, berrou ferida, magoada, ultrajada.

Meu sangue fluía fervendo pelas veias. Eu odiava a verdade daquilo; odiava que ela tinha mesmo me visto numa situação assim, que traí a única mulher que já amei.

Afastei-me alguns passos, cambaleante, botando distância entre nós, mal suportando a sensação de aperto. Passei os dedos pelos cabelos, cabeça baixa, encarando fixamente o chão. Aquilo era uma merda de verdade que eu não podia contestar.

— Sabe o que é mais engraçado nessa história toda? — indaguei para ninguém específico, atordoado. — Eu

sequer sei como cheguei àquela cama. — Ri de mim mesmo, com desprezo. — Um copo de uísque, *a tal bebida dos magnatas*. Um maldito copo de uísque foi tudo o que bebi, e, de repente, meu mundo ruiu. — Levantei o rosto para enfrentar seu olhar, provavelmente de descrença. — Perdi você e nem mesmo me lembro de como. Tudo por causa de um único copo.

A incredulidade que eu esperava não estava ali. Somente uma palidez fantasmal. Nunca vi seus olhos tão arregalados.

Imaginei que ela diria, em seguida, estar surpresa com minha capacidade de mentir, esperei o deboche, uma retórica, um desaforo. E eu nem a julgaria por isso. Era mesmo difícil de acreditar que, na primeira – e única – vez que coloquei a bebida na boca, ela me transformou a ponto de eu não me lembrar que tinha ido para a cama com alguém.

Mas de repente, contrariando tudo o que eu esperava dela, Maia emitiu um som alto, um de espanto e dor, que a faz segurar a boca, parecendo prestes a vomitar, e disparou para longe. Em direção ao quarto.

Minha traição a enojara a ponto de precisar vomitar. Aquilo eu entendia. Acordei muitas vezes no meio da noite com o estômago revirado pelo que fiz.

“Diego era seu amigo de infância, Iohan. Ele era meu amigo havia três anos, também. Eu acreditei nele”.

“Não só acreditou, Maia, você se casou com ele”.

Depois de um tempo na sala, anestesiado, encarando o nada, arrastei-me para o quarto, mentalmente destruído. Maia Sanchez me odiava. Eu também me desprezava em igual nível. Ferrei com o que tínhamos. Ela disse que fui eu a empurrá-la para a atual vida, e quem sabe foi mesmo.

Deitado na cama, encarei o teto branco, repassando mentalmente os acontecimentos daquela época, como eu sempre fazia, num tipo de tortura.

No dia em que Diego deu sua festa de despedida do Nova Era, Maia tinha uma prova importante na faculdade, e combinamos de nos encontrar na casa dele. Os caras do time estavam todos lá, alguns jogadores de outros clubes, modelos, aspirantes a celebridades e algumas figuras famosas também. Lembro que mandei uma mensagem de texto para Maia dizendo que eu havia chegado, e ela me respondeu que ainda estava na primeira aula. A prova seria na segunda, logo depois ela me encontraria na festa. Dissemos, por texto, que nos amávamos – ironicamente, aquela foi a última vez.

Sentei-me no sofá da sala de Diego, fugindo um pouco da multidão no jardim. Diego morava numa casa grande, bacana, num bairro nobre. O imóvel era alugado, mas o melhor da região.

Não demorou muito, meu amigo se juntou a mim, trazendo consigo dois copos, e me estendeu um. Era uísque. Eu nunca tinha experimentado, não por falta de oportunidade, mas porque eu não curtia álcool mesmo. Quando ele ofereceu, recusei, então meu amigo insistiu:

— Beba, irmão, uísque é a bebida dos magnatas, merecemos isso.

— Tenho treino amanhã cedo, cara. Ao contrário de você, preciso bater cartão às 8h no CT — provoquei, já que Diego ficaria uma semana livre para resolver algumas burocracias no Brasil e depois partiria para a Inglaterra.

— Esse é por nós. Passamos por muita coisa juntos, e você sabe o quanto te considero — insistiu.

Aceitei o copo, um brinde, por toda a nossa trajetória.

— Vai ser uma merda sem você aqui — desabafei.

— Eu sei. Vou sentir sua falta também.

— Cuide-se lá, cara. Não entre em pilha errada.

Ele bebericou o copo, observando uma mulher de vestido curto passar por nós.

— Eu não posso evitar, você sabe... — Deu um sorriso sacana. — E a Maia virá mesmo? Estou contando com ela aqui, mano.

Levei a bebida à boca para finalmente prová-la.

Maia e Diego tinham se tornado amigos. Ele fazia questão de estar perto de nós, dizia que estava feliz por eu

ter encontrado uma *mina de respeito*.

— Ela pintará aí mais tarde, tá fazendo uma prova.

Diego estendeu o copo para tocar no meu.

— Então, um brinde a ela.

— A ela...

E aquela conversa foi a última coisa de que me lembro. Imagino que eu tenha tido uma reação ao uísque, sei lá, devo ter ficado louco, aceitado a investida daquela mulher, aceitado ir com ela para o quarto. É tudo suposição. Nunca consegui lembrar de como fui parar naquela cama. Acordei na manhã seguinte e me deparei com uma estranha nua ao meu lado. Chapada.

Lembro que, zozzo, vesti minha roupa de qualquer jeito, desci as escadas da casa do Diego, confuso, e encontrei o goleiro reserva do Nova Era saindo de um dos banheiros, de ressaca. Rindo, ele me contou que Maia me flagrou na noite anterior e saiu sem rumo. Disse que Diego foi atrás dela.

Eu queria vomitar, queria gritar, mas só o que fiz foi procurar meu telefone, que não estava em lugar nenhum, tampouco as chaves do meu carro. Peguei emprestado o de um dos jogadores que estava ali também de ressaca, sem condições nem de levantar a cabeça, e fui desesperado à casa dela. Minha entrada foi impedida no condomínio. Ninguém me deixou falar com Maia.

Por um mês, eu tentei. Comprei outro telefone e tentei desesperadamente, mas a menina não respondeu às chamadas e nem me permitiu saber onde estava. Seu pai me ligou e proibiu que eu a procurasse. Ela simplesmente desapareceu da face da Terra como se nunca houvesse existido. Achei que eu iria enlouquecer, cheguei a faltar a alguns treinos para tentar pegá-la saindo de casa ou algo assim. Eu ia todos os dias a sua universidade, esperando encontrá-la, mas nunca a via. Um dia, uma de suas amigas veio falar comigo, talvez por pena. Ela revelou que Maia havia deixado o país.

No segundo mês, eu ainda fazia todo o esforço para continuar cumprindo os treinos e jogos. Não comia, ou dormia, ou rendia em campo. Estava lá apenas em corpo. Em alguns jogos, não cheguei a ser escalado sequer para o banco de reservas, de tão mal que se tornou meu desempenho.

Eu tinha fé em que ela voltaria, fé que logo as coisas seriam como antes... mas ficava mais difícil a cada dia, sem notícias dela. Sem Maia, eu estava enlouquecendo.

Diego me ligou algumas vezes, checando as coisas. Contou que, naquele dia da festa, não sabia direito o que tinha acontecido, que a viu saindo desesperada e foi atrás, mas não a encontrara.

Só que, como dizem, a mentira nunca dura para sempre.

Cerca de três meses depois, descobri por meio da imprensa, que Maia estava com ele na Inglaterra. Eu mal podia acreditar naquilo. Por que meu amigo me enganou por tanto tempo, sabendo a situação de merda em que eu me encontrava? Na mesma hora liguei para ele. Meu objetivo era dizer que eu estava voando para lá para encontrar minha menina... Foi quando descobri um lado de Diego que me quebrou.

— Não venha, cara. Nem sei como te dizer isso, mas Maia e eu... — fez uma pausa. — A gente está junto.

— Quando você diz junto...? — Lembro da maneira como minhas pernas de repente não sustentaram o corpo e precisei me apoiar a uma parede.

— Ela me procurou... Eu não queria te magoar, mas havia um lance rolando entre nós já há algum tempo. Nunca fiz nada com ela antes por respeito a você, mas era forte, cara. E quando cheguei aqui, ela veio atrás de mim. Não deu mais pra segurar. Nós decidimos viver isso. Sinto muito, irmão.

Senti a dor excruciante de uma dupla traição. A da mulher que eu amava e a de meu irmão.

Os meses seguintes foram da mais amarga e dolorida escuridão. Entrei numa depressão profunda, barra pesada

mesmo, remédio nenhum resolvia. A imprensa não ajudava, inventava teorias a meu respeito; vinculava-me às drogas ou excessos especulativos. De tão no inferno que eu estava, cheguei a tentar tirar minha vida. Foi quando meu pai me encontrou, no banheiro de casa, desmaiado, com um corte no pulso. Tivemos uma conversa franca, choramos juntos, ele me fez ver o quanto eu estava destruindo não somente a mim, mas a ele e minha mãe também. Por ele. Apenas por ele voltei aos campos, lutei, passei a encarar o futebol como minha única salvação. Joguei duro, dei o meu melhor, dia e noite – era isso ou deixar a depressão se apropriar de tudo –, desfiz o contrato com meu empresário e fechei com um mais influente. Quando a notícia do casamento de Diego e Maia chegou, eu estava sendo apresentado ao Barcelona, o melhor clube do mundo. Sofri como o inferno, porém, guardei aquilo somente para mim. Minha vida, desde então, passou a ser o futebol.

Não percebi a lágrima correndo por meu rosto até senti-la próxima à orelha e me envergonhei dela. Eu deveria ser mais forte. Seis anos haviam se passado, muita coisa aconteceu... e onde eu estava agora? Sob o mesmo teto que ela.

De repente, um barulho fraco me alertou.

Agucei os ouvidos.

Então outro, uma batida suave na porta. Sentei-me na cama, empertigado. Maia Sanchez estava ali para dizer adeus. Doeu constatar, mas corajosamente me levantei, do jeito que eu estava, vestindo apenas calça jeans, descalço e peito nu. Sobrevivi a ter perdido ela uma vez, poderia sobreviver novamente. Eu agora era alguém que possuía familiaridade com aquele sentimento.

Abri a porta e a encontrei com os braços cruzados defensivamente em frente ao peito, olhos úmidos de quem passou a última hora – desde que tivemos a conversa na sala – chorando.

— Veio se despedir? — acusei de modo frio.

Ela fungou entrecortado, respirou fundo, como se buscasse coragem, subiu seus olhos por meu peito e me encarou.

— Posso entrar?

Engoli em seco. O coração, maldito traidor, rugiu.

— Por quê?

— Há coisas que eu gostaria de dizer... — a voz tão baixa e cuidadosa me pôs ainda mais alerta.

Assenti, sentindo uma necessidade de me proteger dela, de proteger meu espírito do caos que tê-la aqui representava. Dei um passo para o lado, oferecendo passagem. Maia entrou, receosa, serena demais, correu os olhos pelo quarto e parou no ponto da cama afundado com

o formato de meu corpo sobre o edredom, onde estive minutos antes. Observei-a com cuidado, tentando compreender o que pretendia ali.

Então ela lambeu os lábios, percorreu a língua perto do ferimento... e juro, meu pau quase veio a vida, querendo ser eu a fazer isso por ela, a lambe seus lábios, beijar cada machucado em seu rosto.

Um masoquista, é isso que eu era.

— Ele tem algo contra meu pai. Uma gravação — revelou com voz distante, em pé no meio do quarto. — Meu pai está envolvido em algo que tem a ver com corrupção, e Diego o gravou confessando o esquema todo num momento de embriaguez.

Seu pai era um presunçoso notório. E um corrupto também. Saí do Nova Era logo que pude, depois de conhecer quem era Conrado Sanchez além-campo.

— É algo que, se ele mostrar para a polícia, podem começar a investigar meu pai e provavelmente prendê-lo. Diego tem a gravação há quase quatro anos e vem me chantageando com isso. E agora meu pai também está me pressionando.

Eu não sabia se deveria abrir a boca e, nesse caso, correr o risco de Maia se fechar e parar de falar, então fiquei quieto.

— Vivo num inferno, Iohan. Um verdadeiro inferno. Não pense por um minuto que algum dia fui feliz ao lado dele.

Não consegui ouvir aquilo quieto.

— Então por que se casou com ele, Maia? Por que foi atrás do cara na Inglaterra? — Permaneci em pé, a um passo dela, de onde podia ver seu perfil, suas reações, e notei quando ela se encolheu como quem sente dor.

— Não fui *atrás* dele. Aceitei a ajuda de um amigo nos piores dias da minha vida. — E então ela se virou, ficou de frente para mim, mostrando-se. — Quando eu te vi lá... — fechou os olhos por um tempo breve, talvez querendo afastar a cena de mim e outra mulher numa cama — fiquei sem chão. Senti meu mundo desabando, tudo doía. Encontrar você com outra me machucou como eu nem mesmo sabia que era possível.

Prendi a respiração, a culpa comendo-me por dentro.

— Diego me levou para casa... se mostrou um amigo. E estive ao meu lado naquela semana toda, enquanto eu só sabia chorar. Quando faltava um dia para ele viajar, ele foi a minha casa e me disse *coisas*... coisas que me magoaram muito... sobre você.

Inclinei a cabeça de lado, alerta.

— Que tipo de coisas?

Maia passou a encarar meu peito fixamente, olhos bem abertos.

— Que você me traía há algum tempo; que você e aquela mulher estavam juntos havia semanas... Ele me disse que falava com você, aconselhava, dizia o quanto era errado o que estava fazendo comigo, mas você ria dele, ria de mim pelas costas. Que me chamava de “princesinha inocente”. Conhecer aquele seu lado — expirou profundamente, sacudindo a cabeça — me magoou muito. De repente, tudo o que eu conhecia a seu respeito era uma mentira.

Meu corpo inteiro se retesou.

— Eu nunca te traí — refutei, enojado. — Jamais faria algo desse tipo com você, Maia.

Esperei que ela gritasse “traiu, sim!”.

No entanto, não foi o que disse.

— E, naquele dia, ele me fez um convite simples. Vendo meu estado, propôs de eu ir com ele para a Inglaterra e passar alguns dias lá, longe de você e de suas ligações e de todo aquele inferno. Diego me disse que precisava da minha ajuda também; que ele estava indo para um país novo e não falava inglês. Pediu que eu o ajudasse com as primeiras coisas dele lá, que me comunicasse por ele para alimentação, encontrar uma casa, pessoas que pudessem trabalhar na casa, coisas assim... Eu aceitei. —

Voltou a me olhar nos olhos, honesta. — Aceitei a oferta de um amigo, porque tudo o que eu queria era ficar longe de você, Iohan. Aquela situação doía demais.

Comprimi a mandíbula. *Rato traiçoeiro!*

— E, nos dias seguintes, na Inglaterra, ele me mostrou mensagens suas; de você se preocupando mais em perder o contrato com o clube do meu pai do que com como eu me sentia; de você dizendo que estava indo encontrar com aquela mulher e tantas outras; das aventuras que vinha tendo durante os dias em que eu estava num buraco sem fim... Eu te odiei, sabe?

Não podia acreditar nos meus ouvidos. Não. Diego não podia ser um pedaço de lixo tão vil!

— Nunca mandei merda de mensagem nenhuma pra ele. Eu estava na merda, desesperado para te encontrar e resolver tudo... — a raiva mal me fazia controlar a língua. — Você deveria saber disso, deveria ter visto que era mentira...

— Como, Iohan, se percebi que não te conhecia? Se te vi na cama com aquela mulher? Ninguém me contou, eu vi. Assim como li as mensagens. Estava tudo na minha frente, o que eu não havia percebido durante os três anos em que estivemos juntos!

Eu queria gritar, queria sair dali e parar de ouvir sobre como Maia foi inocente e caiu direitinho nas garras daquele canalha. Entretanto, talvez nunca houvesse outra

oportunidade de conversarmos. Por isso, fiz um esforço descomunal para permanecer, enfrentar a mágoa, as acusações, o fantasma do passado.

— Diego era seu amigo de infância, Iohan. Ele era meu amigo havia três anos também. Eu acreditei nele.

— Não só acreditou, você se *casou* com ele, Maia.

O arrependimento atravessava cada linha de expressão em seu rosto.

— É tão complicado de explicar o porquê...

— Tente.

Ela voltou a olhar aquele ponto em meu peito, procurando ali uma lembrança, ou coragem.

— Eu estava numa época ruim... nada fazia sentido. Você estava vivendo sua vida no Brasil plenamente e se vangloriando dela pra ele. Ele me mostrava tudo. Foram nove meses chorando todas as noites até cair no sono. Numa noite... — Suspirou. — Numa noite, ele voltou mais cedo do treino, nós nos sentamos na varanda, eu, como sempre, silenciosa, fechada, e ele ali, sendo o bom amigo. Diego entrou e voltou com duas taças de vinho, disse que talvez aquilo pudesse ajudar. Conversamos um pouco, bebi um pouco demais também... e — hesitou de um jeito esquisito que não pude interpretar — nós acabamos dormindo juntos. Na manhã seguinte, eu me detestei por ter feito aquilo. Por ter bebido tanto e usado um amigo, mas,

então, ele se abriu, disse que me amava havia meses, que sofria por me ver sofrendo e pediu uma chance, apenas uma chance para me fazer te esquecer... E, acredite, eu precisava te esquecer, eu implorava a Deus para te esquecer.

Um sorriso sem vida repuxou a lateral de meu lábio.

— Pelo jeito, consegui. Vocês acabaram se casando.

Comprimi os lábios antes de negar, numa emoção que não pude compreender.

— Nós nos casamos três meses depois daquilo. Por insistência dele, dos meus pais... E eu estava numa época tão horrível que agarrei aquela esperança de que as coisas melhorariam.

Um silêncio sepulcral se colocou entre nós. Fechei os olhos e absorvi cada palavra, cada acontecimento. Vi a vida que ela contou; enxerguei a cena de eles na varanda, bebendo vinho; vi-a na cama com ele; e ele insistindo por uma chance; até mesmo o “sim” para o pedido de casamento. Fui talhado por centenas de navalhas. Uma coisa era imaginar a vida que Maia e Diego levavam, de longe, sofrendo por ter perdido a mulher que eu amava; outra era ouvir o relato de como tudo aconteceu.

— Ele enganou a nós dois — ouvi as palavras deixando meus lábios — Mas eu permiti, quando bebi aquele uísque.

E essa culpa eu carregaria para sempre. Diego, por mais canalha, manipulador e mentiroso que fosse, não colocou uma arma na cabeça dela. Ele a venceu pelo sofrimento que eu mesmo infligira a Maia.

Ainda de olhos fechados, senti o toque dela, de mão aberta, sobre meu peito. Vacilante, temeroso, redescobrimo minha pele. Dor lancinante e prazer se misturaram em mim.

— Não quero voltar pra ele, Iohan — sussurrou, embargada.

— Não volte. — Abri meus olhos e a fitei cruamente. — Então não volte. Fique aqui ou onde quiser, mas não volte.

Acompanhei o momento em que sua garganta se moveu delicadamente, engolindo a saliva.

— Onde eu quiser... — testou as palavras em sua língua. — E se onde eu quiser for onde eu não posso estar?

Meu corpo passou a tremer de tensão, de emoção, de necessidade, nem sei bem.

— Onde você *quer* estar, Maia? — a voz rouca demonstrou meu estado, a sofreguidão em meu espírito.

A garota que eu amava mais do que a minha própria vida encarou o fundo dos meus olhos.

— Com você.

Expirei com uma brutalidade de alargar as narinas. Minhas mãos coçavam por tocá-la, mas as detive. Seis anos

de sofrimento não poderiam ser apagados assim, para nenhum de nós, e tampouco eu poderia correr o risco de mergulhar naquele lugar escuro outra vez, caso ela me deixasse.

— Não me lembro de como foi que cheguei à cama com aquela mulher, Maia. Sei que é difícil de acreditar, mas é a verdade. Assim como jamais toquei em outra enquanto estávamos juntos. Não posso mudar a dor que te causei, tampouco o inferno em que eu vivi depois daquilo. No entanto, sei onde não quero estar nunca mais, e é num lugar ruim, escuro, onde tudo é dor. Sua ausência quase me matou uma vez. Eu seria estúpido se me permitisse esse risco novamente.

— Eu entendo... — Ela tentou recuar seu toque, mas eu a impedi, espalmando minha mão por cima da dela sobre meu peito.

— Se quiser ficar comigo, não haverá mais uma vida com aquele cara. Não importa o que ele possa fazer contra o seu pai.

Vi a incerteza em seu olhar, mas também um querer muito forte.

— Seu pai é um fraco — não medi as palavras ou a intensidade delas. — Você pediria isso a uma filha? Pediria que se sujeitasse aos maus-tratos de um sujeito canalha apenas pra livrar sua pele?

Maia mexeu ligeiramente a cabeça.

— Não — sussurrou quase inaudível.

— Exatamente. Porque um pai protege o filho e não o usa como escudo. — Levantei seu queixo com cuidado. — Então, eu volto a dizer, se quiser ficar comigo, não há mais Diego, Conrado e nenhuma merda deles. Apenas nós. — Busquei seu olhar. — E, Maia, eu a quero. Quero tanto que isso se tornou uma doença em mim. Uma que tento combater todos os dias. Eu seria capaz de tudo por você, mas somente se você quiser.

Lágrimas se empoçaram em seus olhos castanhos de um jeito que apertou minhas entranhas.

— O amor que sinto por você é uma doença também, Iohan. Uma que nada cura, nada faz parar de doer. Eu queria morrer e acabar com tudo isso. Por vezes eu até tentei e...

Feriu ouvi-la. Feriu saber que ela também tentou o suicídio.

Num ato impulsivo, eu simplesmente tomei sua boca. E, quando ela me recebeu, urrei contra seus lábios, urrei ante todos os fantasmas a minha volta, pela geleira dormente em mim, pela dor que me cercara por anos! Por tudo! Aquela boca, aquele corpo, aquele cheiro eram meus. Meu corpo sangrava por ela, morria e revivia para amar aquela bendita mulher.

Não sei como eu a deitei sobre a cama, mas pelo menos tive uma centelha de discernimento para me deter por um instante. Por cima dela, encarando seu rosto, prendendo seu corpo com o meu, exigi:

— Preciso que diga. Que fale as palavras... não posso seguir em frente sem ouvir, simplesmente não posso.

Seu semblante se tornou sério, decido quando apanhou meu rosto.

— Sim... — Balançou a cabeça com firmeza. — Eu quero você, Iohan. Contra tudo o que tiver de acontecer a partir desta decisão, eu vou ficar... se você me quiser, eu vou ficar.

Ri, quase como um aviso.

— Não me abandone de novo, Maia Sanchez.

Expirou longamente.

— Não irei.

Então eu a despi. Como quem recebe um presente dos Céus. Notei cada marca de agressão doméstica em seu corpo magro, de costelas aparentes, frágil como jamais pensei em encontrá-la, hematomas novos e antigos, marcas de dedos pressionando os braços, algumas por cima de outras, revelando um padrão. Doeu perceber que o covarde tinha maltratado tanto minha mulher durante o tempo que forjara com ela. Doeu saber que eu não pude estar lá para protegê-la. Acho que, como um jeito meu de pedir perdão,

eu a amei, a adorei, esqueci-me de meu prazer e foquei toda a minha dedicação a ela. Amei Maia Sanchez como um admirador do mais saboroso vinho.

Seus dedos magros agarraram os lençóis enquanto recebia o melhor lado de Iohan Croife, aquele que ele nunca entregou a nenhuma outra mulher, que não Maia.

Mergulhei nela até sentir o suor grudando nossas peles, o amor vibrando através do cheiro de sexo, dos gemidos que preenchiam todos os espaços e ganhavam a noite, dos sons de nossos corpos se chocando e se unindo.

A sensação era a de que voltei a ser completo outra vez.

Algumas horas depois, quando estávamos deitados apenas contemplando o silêncio cheio de significado no quarto, contei a Maia que seu pai já estava ferrado de qualquer jeito. Ele poderia ser preso a qualquer momento, independentemente do que o bandido do Diego pudesse ter. A Interpol não blefava no quesito colher provas. Conrado Sanchez errou e precisava pagar pelo erro.

Não revelei antes para não influenciar sua decisão de ficar. Maia tinha primeiro de escolher um lado, ciente de que haveria consequências. A descoberta serviu apenas para aliviar sua consciência.

E foi o que aconteceu quando ela adormeceu em meus braços, profundamente, parecendo não dormir assim

havia anos.

Mas ainda haviam contas a serem acertadas.

Nossas diferenças, nós vamos resolver fora de campo.

Esperei que Maia se arrependesse de sua decisão no dia seguinte e naquele após, mas nada mudou. Nos tempos livres, nós nos amávamos com mais exigência, mais intensidade.

Contratei uma equipe discreta de massagistas e todos aqueles tratamentos que as mulheres gostam de fazer num SPA para que fossem até a mansão e lhe promovessem um dia de rainha, como Maia Sanchez merecia. Queria que aquela tensão que ela ainda sentia se dissipasse. Aconselhei-a também que desligasse o telefone por alguns dias para que tivesse um pouco de paz quanto à insistência do pai e do canalha com que se casara. Prometi a Maia que eu não faria nada contra Diego, *ainda*. Entretanto, eu tinha planos para ele e não sabia se conseguiria esperar a Copa do Mundo acabar para tanto.

Como resultado de ter de me segurar, minha paciência para as perguntas mal-intencionadas da imprensa estava menor. E fiz questão de responder apenas a Janaína, a única com cérebro e respeito ali.

Aquele era o primeiro jogo da segunda rodada, as oitavas de final. Nosso adversário era o México, segundo colocado da chave F. Fui escalado para começar jogando. O professor nos montou num time de artilharia pesada. Nosso adversário era, talvez, o mais difícil que enfrentaríamos até

aquele momento na Copa, por isso a defesa foi reforçada, e os meias deram lugares a uma escalação maior de volantes.

O primeiro e o segundo tempo foram pau a pau. Estávamos finalizando os 90 minutos regulares com o resultado de 1x1. Diferentemente da primeira fase, nessa, empates levavam aos pênaltis, e tínhamos de evitar a todo custo. Quando o árbitro determinou a prorrogação de 30 minutos, sendo dois tempos de 15, nós nos esforçamos mais, fomos para cima... mas o tempo acabou, e não conseguimos evitar o desempate por meio dos pênaltis.

Todos os jogadores, então, concentraram-se em um círculo. Era o momento de descansar brevemente a musculatura, ouvir as instruções do professor e receber a confirmação de quem bateria e em que ordem, numa ratificação de tudo o que treináramos. Zine me colocou como primeiro batedor, seguido por Gabriel, Rudmar, Montinho e Jaime. Eram os cinco regulares. Caso houvesse empate, então seria a fase do mata a mata. Diego Nunes foi o sexto escalado, ou seja, só bateria se houvesse necessidade.

Eu estava arrumando os meiões quando ele se aproximou de mim. Subi os olhos para confrontá-lo. Ele me olhou com firmeza e fez o inesperado:

— Aqui estamos do mesmo lado. — Empurrou-me uma garrafa de água, coisa que eu ainda não tinha bebido desde o fim da prorrogação. — Nossas diferenças, nós vamos resolver fora de campo.

Seu espetáculo não era para mim. Era para a imprensa, que nos exibia no telão do estádio. Eu poderia mandá-lo à merda, socar sua cara traiçoeira, mas estava reservando isso para quando estivéssemos sozinhos. Cada marca no corpo da minha mulher, cada mentira vil, seriam retribuídos à altura. Olhei dentro de seus olhos e lhe avisei, com um olhar, de que a nossa hora iria chegar.

— Obrigado, irmão — fiz questão de dizer.

Aceitei a água e a bebi ali, diante das câmeras. Coloquei a bola na marca, fiz o sinal da Cruz e estava esperando que o árbitro autorizasse a batida. Encarei Muñoz, ciente de suas forças e fraquezas, e ele me encarou de volta, tendo o mesmo conhecimento a meu respeito. O cara era um bom goleiro, tinha uma envergadura excelente. No entanto, de um momento para outro, a imagem dele se tornou desfocada, mexeu-se estranhamente diante de mim. Pequenos círculos pretos caíram do céu, e aquilo foi a última coisa de que me lembrei.

Acordei deitado numa cama de um quarto asséptico, bem iluminado. Não demorei a compreender que se tratava de um hospital. Só não consegui entender por que eu estava ali. Meu empresário, Júlio Mendes, e Luciana, minha assistente, encontravam-se presentes. Perguntei o que estava havendo. A explicação foi de que tive um mal súbito em campo, provavelmente uma queda de pressão, talvez causada por estresse. Era até coerente que meu organismo tivesse reagido assim, visto que, durante grande parte dos últimos dias e das noites – enquanto Maia dormia profundamente em meus braços –, eu me pegava pensando em como protegê-la, blindá-la de qualquer mal que o desgraçado pudesse tentar contra ela.

— Agora, será que você pode me explicar por que a mulher do Diego Nunes está sentada no chão do corredor lá fora? — Júlio perguntou apontando para a porta. — Você e ela...?

Maia veio.

— Não é da sua conta, Mendes. Pede pra ela entrar, aliás, ela já deveria estar aqui. — Lancei um olhar de desaprovação para Luciana, que sabia do lance acontecendo. Foi ela, afinal, que comprou roupas para Maia, dias antes.

Os dois saíram, cientes de que eu gostaria de privacidade com Maia. E logo ela entrou, abatida, coberta

de uma inquietação que me fez sentar na cama e trazê-la para um abraço apertado. Eu parecia um monstro comparado ao seu tamanho, mas ela se aninhou a mim, e ouvi um pequeno soluço baixinho agitar seu peito.

— Foi ele, Iohan... foi o Diego... — ao escutar sua agonia, retesei-me de imediato e a afastei suavemente.

— O que ele fez, Maia? Aquele desgraçado colocou as mãos em...?

Ela me cortou, subindo os olhos cheios de lágrimas, sérios, culpados.

— Pra mim, nada, mas foi ele que te drogou.

Ouvi as suas palavras e senti meu corpo gelar com um pressentimento muito ruim.

— Por que está dizendo isso? — indaguei com cautela.

Soluçando baixinho, ela passou o pulso sobre os olhos para limpá-los.

— Ele já fez isso comigo antes... e acho que com você também.

Então escutei de Maia um relato que apunhalou meu peito em golpes impiedosos. Na tal noite, a primeira em que ela se deitou com o desgraçado, a taça de vinho continha algo que a fez apagar e acordar somente na manhã seguinte. Taça essa que ela recebeu das mãos dele. Exatamente como aconteceu comigo naquela festa, quando

aceitei o uísque. Contudo, o que me machucou mesmo foi saber que Diego drogou Maia outras inúmeras vezes durante o casamento e que, em todas elas, ele a estuprou.

— Nas primeiras vezes, não percebi a relação — murmurou, quase sem voz — Achava que eu era fraca demais para a bebida, e estava recorrendo demais a ela como fuga para tudo o que havia acontecido entre eu e você, Iohan — ouvir isso me matou — Mas depois, com o tempo, enxerguei o padrão. Às vezes ele me drogava com bebidas inocentes como suco, café, vitamina. E, depois...

— Depois...? — porra, era foda, mas eu precisava ouvir.

Após um momento calada, mortificada pela humilhação, Maia revelou, e me quebrou completamente:

— Depois eu acordava nua na cama com ele. Quando compreendi o que estava acontecendo, passei a evitar qualquer alimento que tivesse alguma chance de ter sido manipulado por Diego.

Isso explicava muito a magreza recorrente em todas as imagens dela que eu vira nos últimos anos. Maia foi alienada pelo marido – proibida de sair de casa sob chantagens contra o pai – e, não confiando comer o que havia em sua cozinha, definhava gradativamente.

— Quando passei a não aceitar suas bebidas ou alimentos batizados, as agressões começaram...

Nunca senti nada parecido com a fúria que crescia dentro de mim. Eu poderia, melhor, eu *ansiava* por matar o filho da puta com as minhas mãos. E o mataria. Por Deus, eu mataria o maldito.

— De alguma forma, ele te drogou hoje também, Iohan.

Assenti, a mandíbula tensa. Não conseguia dizer nada, não tinha controle suficiente para fazer outra coisa que não a abraçar e me amaldiçoar por nunca ter cogitado a hipótese de que meu amigo de infância, o cara que era quase um irmão, seria capaz de me quebrar ao meio assim. De ferir alguém tão importante para mim.

Após alguns minutos, consegui aos poucos me acalmar minimamente para pensar com clareza, planejar o que fazer. Pedi que Maia chamasse meu empresário e a assistente pessoal, e, quando eles estavam de volta, relatei apenas as suspeitas. Mendes recomendou que chamássemos o médico no quarto. Voltei a relatar ao doutor, e foi então solicitado um exame específico para identificar a substância no meu sangue. O resultado ficaria pronto pela manhã.

Naquela mesma noite, voltei para casa, abracei Maia com tudo o que eu tinha e falei, com carinho, de tudo o que eu sentia por ela. Contei-lhe sobre a depressão, sobre o dia em que tentei tirar minha vida, sobre meus pais, o

Barcelona, a imprensa. Eu me abri. Em alguns momentos ri, em outros, contive-me para afastar o ardor que comprimia a glote. Mas deixei que essa mulher soubesse o quanto sempre esteve em minha cabeça e, principalmente, em meu coração.

Pela manhã, recebi por e-mail o laudo médico comprovando a existência de grande concentração de rohypnol e cetamina, drogas que, combinadas, possuíam um forte efeito sedativo. Aquela era a conclusão do exame. Eu precisava provar que tinha sido Diego. O fato de ele me oferecer a água em frente às câmeras não dizia muito, era necessário algo mais substancial.

Então, imediatamente, pensei na menina jornalista de grandes óculos de grau, Janaína, que sempre observava cada lance dentro de campo com os olhos avaliativos de uma águia. Talvez ela, ou o seu câmera, pudessem ter captado alguma coisa.

Com essa esperança, pedi que Luciana conseguisse o contato dela. Não demorou, e eu tinha seu número chegando por mensagem.

Liguei para a dedicada jornalista e marquei um encontro com ela num café ali perto, em duas horas.

*A alma não estava lavada, nunca estaria. Mas, ao menos,
eu teria um pouco de paz de espírito quanto à segurança de
minha mulher.*

Dois dias depois, eu estava entrando na sala de reuniões do CT de Rostov. Ali dentro, eu sabia, me aguardavam um representante da Federação; o técnico Zine; Jorginho; meu atual empresário, Júlio Mendes; José Scava, meu ex-empresário e atual de Diego; e o próprio animal sujo.

Zine e Jorginho sabiam do que se tratava; seus semblantes estavam mais sérios do que jamais vi. Scava e Diego não faziam ideia do teor da reunião.

Quando me viu, Diego bufou desdenhoso.

— Ah, por favor, esse cara aqui? Se ainda for sobre a briga...

Puxei as mangas da camiseta até os cotovelos e caminhei calmamente até o local à sua frente, do outro lado da mesa, onde me sentei.

— Bom dia — disse aos meus professores.

Zine, um gaúcho de temperamento forte, acenou com a cabeça como quem disse “Estamos aqui, filho, faça o que tem de fazer”.

A um olhar meu, Júlio me empurrou a pasta por cima da mesa. Abri-a, retirei duas folhas de papel, sem nunca deixar de encarar o pedaço de merda, apoiei o dedo indicador sobre elas e as arrastei para Diego. Sentado relaxado na cadeira, jaqueta de grife, cabelos enrolados

tingidos nas pontas, sentindo-se o dono do mundo, ele olhou entre mim e os papéis arrogantemente. Não foi ele a pegá-los, mas o empresário.

— O que é isso? — Scava indagou calmo, porém, com evidente confusão.

— Meus exames de sangue feitos no hospital, após aquele desmaio — contei tranquilo, sem perder o modo como o sorriso convencido no rosto do traiçoeiro se desfez ligeiramente.

Scava olhou e olhou, como quem não entendia o que estavam querendo que ele encontrasse ali.

— Meu jogador foi drogado — Júlio explicou.

Meu ex-empresário subiu os olhos das folhas para Júlio e então para mim.

— E o que temos a ver com isso? Por que nos chamaram aqui?

Do canto oposto da mesa, o representante da Federação, Zine e Jorginho assistiam a tudo com expressão de poucos amigos.

Júlio abriu um sorriso torto, condescendente.

— Aparentemente, seu jogador drogou o meu.

Em momento algum deixei de encarar o miserável. E ele mantinha o meu olhar sem qualquer vestígio de culpa ou medo. Perguntei-me quando foi que ele se tornou esse verme ou se sempre foi e eu não havia reparado antes.

— Isso é um absurdo! — Scava olhou para todos nós, gesticulando, legitimamente indignado. — Essa acusação é um absurdo!

— Pergunte a ele — voltei a falar, apontando com o queixo para o Diego. Meus punhos se mantinham cerrados, estava ansioso para pularmos a parte do teatro. — Pergunte ao seu cara se ele fez ou não. Acho que estamos aqui para isso.

O empresário lançou um olhar desconfiado ao atleta desleal, que não esboçou nada além do sorriso cínico.

— Se tem de me perguntar, é porque sabe que essa acusação é leviana, Croife.

— Você me deu a água.

— Dei a você como teria feito a qualquer outro em campo. — Virou-se para o empresário. — Quero processá-lo por calúnia.

Zine, inesperadamente, emitiu um tipo de grunhido destemperado, de repúdio.

Eu poderia ter rido do blefe do miserável, mas não estava ali para joguinhos. Estava para dar o lance final.

— Mostre a eles — pedi a Júlio.

Júlio pegou o controle-remoto, apontou-o para a televisão, ligou-a, e então pudemos assistir a uma sequência de imagens, começando por Diego pegando uma garrafa de água do tipo *squeeze*, com o emblema do

patrocinador, de dentro da caixa térmica próxima à comissão técnica, enquanto estávamos pelo nosso lado do gramado, sentados, recebendo massagens, nos preparando para a rodada de pênaltis. Diego caminhou, levando a garrafa consigo, até próximo aos bancos de reserva e se abaixou. A cena parecia comum: um jogador amarrando as chuteiras.

Mudei rapidamente meu olhar da tela para todos na sala, cada vez mais sérios, a não ser Diego Nunes, que parecia prestes a dizer “Isso aí não significa nada”. Porém, então, o talento de Janaína em edição de vídeos se mostrou presente.

A jornalista havia ajustado a imagem para um zoom perfeito, e ali estava o canalha, abrindo a tampa da *squeeze*, retirando da chuteira um tipo de frasco pequeno, quase imperceptível, e despejando o conteúdo dentro da garrafa.

Scava gemeu alto.

E não parou por aí. Nas imagens, Diego tampou a garrafa e foi a sacudindo até mim. Ofereceu-a diante de todas as câmeras do estádio, e eu a bebi. Cerca de dez minutos depois, desmaiei. O ego do infeliz o derrubou. Achou que ninguém desconfiaria do bom moço a ponto de filmá-lo no ato de sua armação, mas o crápula não sabia que havia uma garota, uma bem magricela, dona de óculos

grossos e uma paixão por tudo o que envolvia o campo, cada pequena parte dele.

— Você sabe que o Liver já não quer renovar seu contrato, Diego! Que merda você fez, cara! Isso vai ferrar tudo.

Diego não dizia nada. No entanto, o sorriso já não estava mais ali, apenas o ódio, a inveja, claros, transmitindo todo o seu rancor.

Zine se levantou e foi até os dois.

— Não o quero mais em meu time. Pegue suas coisas e dê o fora da minha seleção — havia ali desprezo e decepção profundos. E então me olhou. — Desculpe, filho, não posso continuar aqui olhando para a cara desse sujeito.

Feito uma criança mimada, Diego não lançou um olhar sequer ao professor enquanto ele saía da sala, como se a decisão não tivesse importância. Scava só sacudia a cabeça, desacreditando.

— Você ferrou sua carreira, Diego. Ferrou — resmungava.

Jorginho permaneceu na sala, talvez para me dar apoio. Ele nunca gostou de Diego e, naquele momento, não fez questão de esconder. O representante da FBF também ficou.

— Está feliz agora? — o verme acusou, rangendo os dentes. — Sequestrou minha mulher, me tirou da seleção.

Está feliz?

Não ri. Apenas tremi, ansioso pelo que eu queria fazer.

— Será que todos podem nos dar licença e me deixar sozinho com esse cara e o empresário dele? — pedi calmo aos demais.

Jorginho apoiou; o cara da FBF não gostou de ter de ficar de fora do que parecia prestes a ficar interessante; Júlio tentou argumentar, mas viu que não teria efeito.

E finalmente, eu estava sozinho com os dois. Onde tudo começou. Scava, Diego e eu.

Quando a porta se fechou atrás de Júlio, eu me inclinei sobre a mesa.

— Ouvi boatos de que seu contrato com o Liverpool está acabando e que eles não têm tanto interesse assim em renová-lo — comentei venenosamente. — Sua vinda para a Copa poderia ter sido de grande ajuda, não é?

— O que você pensa em fazer, Croife? — Scava tentou interceder. — Nós podemos conversar, podemos chegar a algum valor.

Ri.

— *Algum valor*, Scava? Só por curiosidade, quanto seria, exatamente? Talvez o mesmo que paguei a você para me livrar daquele contrato? — Fiz um beicinho avaliativo. — Ou mais, não sei.

Diego bateu a mão subitamente contra a mesa.

— Fale de uma vez o que quer, caralho! E devolva minha mulher!

— *Sua?* — questionei debochado. — Ou aquela que você me roubou, quando drogou meu copo em sua festa? E depois a drogou sucessivamente, como o bom pedaço de lixo que você é?

O ódio entre nós farfalhava faíscas densas.

— Rapazes, os assuntos pessoais de vocês não têm importância aqui, estamos diante de uma situação que requer cuidado de todos nós — o empresário de merda tentou intervir.

Balancei a cabeça, concordando. Quanto antes eu terminasse aquela parte, poderia seguir para a próxima.

— Você será banido do futebol depois que esse vídeo circular pela imprensa, sabe, não é? Com sorte, o São Marcos ainda te queira lá, *com sorte*.

— O que quer?! Fale de uma vez!

Sem pressa, abri a pasta e retirei dali uma sequência de páginas. Empurrei-as para eles e descansei as costas contra o estofado da cadeira, relaxado, ou fingindo estar. Meu sangue fervilhava. Conforme iam lendo, as expressões de ambos empalideciam, fantasmagóricas.

Suspirei fundo, entediado.

— São as provas de todas as transferências que Conrado Sanchez fez a você. Frutos de sua chantagem.

Pelo que vi aí, nos últimos quatro anos, você recebeu mesadas robustas, não é?

Diego jogou o papel que segurava contra a mesa.

— Você não pode provar nada!

— Além de que você nunca declarou esses pagamentos? — Fingi refletir. — Talvez eu possa, sim. Mostre a ele essa folha que está em sua mão, Scava.

Lívido, ele estendeu o papel para o jogador. Era a transcrição de uma ligação feita de Diego Nunes para Conrado Sanchez, horas depois que saímos na porrada no CT, há alguns dias. Na conversa, Diego fazia ameaças relativas ao crime de corrupção dentro da Federação. Sanchez dizia que não sabia onde Maia estava. Diego ameaçou que, se Conrado não obrigasse a filha a voltar para ele, as provas que guardava seriam mandadas à mídia. Sanchez rebateu dizendo que não era justo que o genro o pressionasse assim depois de todos os pagamentos que ele já fizera para comprar o silêncio de Diego.

Ouvi a gravação feita por Novaes – numa interceptação telefônica ilegal, que me custou uma boa grana. Foi assim que Novaes rastreou a conta que Diego mantinha oculta da Receita Federal, num paraíso fiscal. Honestamente, não questionei os métodos de meu homem de confiança. Recebi tais informações como uma benção,

uma oportunidade de dar a liberdade definitiva à minha mulher.

— Pela sua cara de covarde, acho que já entendeu a situação aqui, não entendeu? — Afastei qualquer merda do caminho e mostrei a ele exatamente quem eu era. — Com poucas ligações, eu posso te banir do futebol para sempre; te processar por ter me dopado; revelar ao mundo suas chantagens e recebimento de propina de um esquema grande de corrupção que o manterá atrás das grades por muitos anos. Você está tão fodido, cara.

— O que você quer? — grunhiu semelhante a um bandidinho de bairro.

— Esmagar a sua cara até que se afogue em seu próprio sangue por todo o mal que fez a mim e à minha mulher — afirmei. — Mas, por hora, contento-me com isso.

Entreguei-lhe a última página, aquela que continha um sabor especial.

— Nunca! — ele gritou.

Ri.

— Acontecerá com você aí, livre, ou dentro de um presídio, servindo de mulherzinha para aqueles caras da sua laia. A escolha é sua.

— Use a cabeça ao menos uma vez, Diego — o empresário aconselhou. Provavelmente tinha alguma culpa também.

— Se eu for pra cadeia, o pai dela vai junto. Você faria isso com ela? Sabe o quanto minha esposa preza pelo pai? — debochou, numa cartada desesperada, tão suja quanto ele.

Minha esposa. Eu queria matá-lo.

— Maia quer que Conrado Sanchez pague pelos crimes que cometeu — desfiz seu blefe, orgulhoso de minha menina. — Sua chantagem já não surtirá mais efeito, pedaço de lixo. Assine essa porra de divórcio agora, ou um juiz fará por você, quando estiver no buraco sujo que é o seu lugar.

— Assine, Diego...

E tive o prazer de ver o cara assinando o papel que o desligava definitivamente de nossas vidas. Pouco me importei com as ameaças de revanche presentes em seu olhar ferino. Ainda não tínhamos terminado.

— Muito bem — Scava disse após o documento assinado. — Agora nos entregue todo esse material, o vídeo, a gravação telefônica, os papéis, tudo o que tiver contra o meu jogador. E converse com o Zine para aceitá-lo de volta.

Cocei meu queixo sobre a barba por fazer, curioso.

— Desculpe, em algum momento eu os fiz pensar que isso era uma negociação? — Sorri, debochado. — O que viram aqui é apenas uma amostra das sujeiras que levantei.

E tudo ficará guardadinho para lembrá-lo de que jamais — inclinei-me sobre a mesa, aproximando-me de Diego —, *jamais* deve sequer mencionar o nome de minha mulher em voz alta. Esqueça Maia Sanchez, afasta-se dela para o mais longe que conseguir, Diego. Se eu sequer sonhar que você a procurou ou a perturbou de algum jeito, eu te ferro. Primeiro ferro sua carreira, depois sua vida, e depois eu te mato.

Voltei a me escorar contra o encosto.

— Agora, Scava, por favor, saia da sala. Diego e eu temos outro assunto para resolver.

— Croife, isso não é necessário...

— Saia. Da. Maldita. Sala.

O empresário deve ter sacado que eu não estava para brincadeira, pois acatou o pedido. Quando saiu, eu me levantei calmamente.

— O que vai fazer agora, cagalhão? — o verme debochou, desfigurado pela ira.

Fui até a porta e passei a chave, trancando-nos dentro. Guardei a chave no bolso da calça jeans e contornei a mesa, do seu lado, dessa vez. Então levantei Diego Nunes pelo pescoço e dei a ele tudo o que eu deveria ter dado havia seis anos. Cada marca no corpo de minha mulher era uma que eu lhe infligia. Ali, eu não era filho do Seu Odair e da dona Violeta, o sujeito focado em campo, o

ganhador de três prêmios Bola de Ouro. Naquela sala, naquele momento, eu era um animal sem coração, que chutava a cabeça do infeliz, pisava em sua cara, quebrava quantas costelas suas eu pudesse. A fúria me direcionava. Quando ele estava tossindo sangue, eu o levantei do chão pelo colarinho e o pressionei contra a parede.

— Você estuprou a minha mulher, traiu a minha amizade! — Soquei seu estômago. — Você é um pedaço de lixo, Diego, igual ao seu pai! — e eu sabia que isso era a pior coisa que um cara como ele poderia ouvir.

Soltei seu corpo. Ele deslizou pela parede, sentado no chão, gemendo, uivando, eu não entendia bem.

— Há uma ordem de restrição expedida por um juiz esta manhã para que não se aproxime da Maia novamente, mas tenho a impressão de que aquele pedaço de papel é desnecessário. Você entendeu o recado, não entendeu, *irmão?*

Os gemidos de dor foram resposta o suficiente. Cuspi nele, no pedaço inútil de homem mergulhado em seu sangue, e saí da sala.

A alma não estava lavada, nunca estaria, mas, ao menos, eu teria um pouco de paz de espírito quanto à segurança de minha mulher.

Horas mais tarde, Maia descansava em meus braços, no sofá, quando o noticiário esportivo deu a notícia de que Diego Nunes estava fora da Copa.

Representantes da FBF se recusaram a revelar as razões do afastamento de Diego Nunes desta Copa, e ninguém da comissão técnica aceitou gravar entrevistas. A notícia pegou de surpresa alguns colegas de equipe, que se mostraram abalados, mas garantiram que não afetará o desempenho do time. Apesar do motivo não ser declarado oficialmente, nossas fontes descobriram que o atleta está atualmente internado no Rostov Hospital com ferimentos graves provocados por uma agressão que Diego teria recebido supostamente de torcedores sérvios, descontentes após uma roubada de bola no último jogo entre as duas seleções.

Aquilo era a cara dele. Soltar uma nota falsa, fazendo-se passar por vítima. Desde que ele se mantivesse longe de nós, podia dizer o que quisesse.

A matéria seguinte foi sobre mim e as causas do meu desmaio em campo. Teorias de que eu estava doente, de que treinara excessivamente no dia anterior e tivera desgaste físico... cada uma com uma pitada de maldade. O

que me surpreendeu foi ver o âncora chamando o repórter de rua para obter a opinião das pessoas sobre o assunto. A primeira entrevistada foi uma mulher, na casa dos vinte e poucos anos, vestida com a camisa da seleção, numa avenida de São Paulo. Audaciosa, ela olhou para a câmera e disse:

— Eu queria o Croife jogando bola lá em casa! Aquele homem é bonito demais, minha gente! Se ele desmaiasse na minha frente, eu faria respiração boca a boca nele!

Senti o corpo de Maia se mover, rindo de mim. Mordi seu ombro de leve.

Então o repórter fez a mesma pergunta a um homem:

— Olhe, eu acho que o Croife é o melhor que temos em campo. Ele dá a direção para os guris. O cara é uma honra para o Brasil, com todos aqueles Bola de Ouro que já recebeu, e tenho certeza de que vai nos ajudar a trazer a taça este ano!

A fé do homem me tocou. Respirei profundamente, pensando no Seu Odair e no que ele estava sentindo a meu respeito. Tudo valia a pena, todo o sacrifício, as restrições, a exposição. No final, tudo valia a pena. E agora, depois de muitos anos, eu me sentia feliz com a vida. As coisas estavam se ajeitando.

Se eu contribuiria para sermos campeões, ainda não tinha como saber, mas daria o meu melhor em campo.

— Eles te amam. — Maia alisou meu peito.

— Eles gostam do jogador, Maia. Não me conhecem como sou.

— *Eu* conheço. — Ela se ajeitou para me encarar. — E posso dizer que você é o melhor homem que eu já conheci, Iohan Croife.

Orgulho, um arrebatador orgulho me preencheu por dentro.

— Então case-se comigo, Maia Sanchez.

Epílogo

Minha força vem de você. Somente de você.

Caminhei lado a lado com Maia naquela praia tranquila de *Cala San Vicente*, em Ibiza, na Espanha. Estávamos juntos havia três anos, indo para o quarto. A próxima Copa do Mundo se aproximava, mas eu estava com uma ideia martelando em minha mente e não sabia bem como expressá-la. Talvez eu tivesse medo de dizer em voz alta e aquilo se tornar real.

— Eu tô pensando em me aposentar... — Olhei para o horizonte enquanto segurava sua mão macia.

Notei o momento em que Maia hesitou dar um passo à frente.

— É uma decisão importante...

Virei-me para encará-la e me esqueci por um momento do que pretendia dizer. Maia Sanchez era linda. Absurdamente linda. Os cabelos, mais longos, voltaram a ter aquele tom castanho-claro que, diante dos raios do sol, assumiam um exuberante loiro acobreado. As maçãs do rosto estavam salientes, coradas, os olhos, brilhantes. Em nada ela lembrava a mulher de alguns anos antes.

Adquiriti o hábito de acordar no meio da noite apenas para observá-la dormir serenamente, leve, livre. E aquilo me fazia sempre agradecer ao Cara Lá de Cima pela honra de poder cuidar daquela mulher.

Levei seus dedos aos meus lábios; um pequeno vinco estava se formando nas pontas, efeito dos ensaios incansáveis de violino para a apresentação dali a alguns meses.

— Você é linda. A mulher mais linda que já existiu.

Um rubor bonito se destacou sobre o bronzeado da pele.

— Eu me vejo em seus olhos, Iohan. Vejo minha felicidade, a pessoa que me tornei, e eu a amo. Amo ser sua esposa, sua companheira, parceira de vida. — Alisou meu rosto, correu os dedos livremente por meus cabelos. — Se acha que é hora de parar, eu te apoio. Te apoio em tudo o que decidir. Você já fez tanto pelo Barcelona, pelo futebol em si...

Fechei os olhos brevemente e me delicieei com o toque.

— Tô pensando em me dedicar mais ao projeto com aqueles moleques, sabe? — revelei, referindo-me ao projeto que fundara no Brasil havia alguns anos, de incentivo ao esporte e educação.

— Quer voltar para o Brasil?

Refleti sobre aquilo. Eu morava na Espanha havia muito tempo, aquele país era meu lar, mas minha vida se dividia também em visitar meu pai, em São Marcos, com frequência.

— Um pouco aqui, um pouco lá... no entanto, andei cogitando outra possibilidade.

Ela sorriu, notando meu embaraço em revelar de uma vez.

— *Onde*, Iohan?

— No Congo, amor. Estou pensando em abrir uma unidade do projeto no Congo, e esse desejo só aumentou mais depois que fizemos aquele amistoso pra arrecadar dinheiro para a escola lá...

Ela uniu as mãos aos lados de meu rosto, trazendo-me para si.

— Tenho um orgulho enorme de você, sabia?

Segurei sua cintura, elevando o corpo delineado do chão.

— Não maior do que o meu por você, menina, por tudo o que conquistou, por essa vaga pela qual lutou tanto na Orquestra Nacional e que agora é sua. Não faz ideia do quanto eu te amo por ser assim, por não ter medo de enfrentar os desafios.

Maia me encarou fixamente, séria, fazendo-me saber da intensidade do que sentia.

— Minha força vem de você. Somente de você.

Parecia clichê dizer, mas a origem da minha força também era aquela mulher e o futuro inteiro que eu teria com ela. Antes de conhecê-la, pensava que o *futebol* era

minha paixão. Maia Sanchez me mostrou que, sim, o esporte era, de fato, mas nem mesmo ele me fazia feliz se ela não estivesse comigo.

Nota da autora

Queridos leitores! Aqui estamos nós, outra vez!

Você já deve ter reparado que essa história se passa num cenário fictício que remete a Copa do Mundo Rússia 2018, não é? E tem razão! Alguns meses antes desta Copa, fui convidada pela Géssica Fernanda a participar de uma antologia que envolvia esse clima de futebol. E é claro que aceitei. Como eu disse no início, Jogador Implacável, era um conto integrante da antologia *Implacáveis*. Depois de dois anos, fiz alguns ajustes nele, e este é o resultado.

Aqui estão duas curiosidades:

A primeira, sou casada com um aficionado por futebol, então para escrever jogadas, expressões, regras, situações, meu marido foi uma rica fonte de informações. Por isto e por tanto, sou grata a ele.

A segunda: Pela ordem, eu não tinha como saber os resultados dos jogos aos quais a seleção brasileira disputaria como certo nas primeiras fases do campeonato (ainda não havia acontecido), então tive de inventar. E, vou dizer, ainda bem que não vivo de apostas! Compare os resultados reais x os inventados por mim:

(Real) Brasil 1 x 1 Suíça — (Fictício) Brasil 1 x 0 Suíça

(Real) Brasil 2 x 0 Costa Rica — (Fictício) Brasil 3 x 2
Costa Rica

(Real) Brasil 2 x 0 Sérvia — (Fictício) Brasil 3 x 1
Sérvia

(Real) Brasil 2 x 0 México — (Fictício) Foi para os
pênaltis, mas infelizmente nosso jogador não pode concluir
esse jogo, então nunca saberemos.

Então é isso! Obrigada a todos que direta ou
indiretamente fizeram parte da construção desta história, e,
principalmente, obrigada querido leitor, pelo carinho de
sempre!

P.S.: Não deixe de avaliar Jogador Implacável. E, se
possível, indique a um amigo leitor, comente sobre o livro
em suas redes sociais, isso ajuda muito o autor.

Até a próxima!